



Comissão de Educação



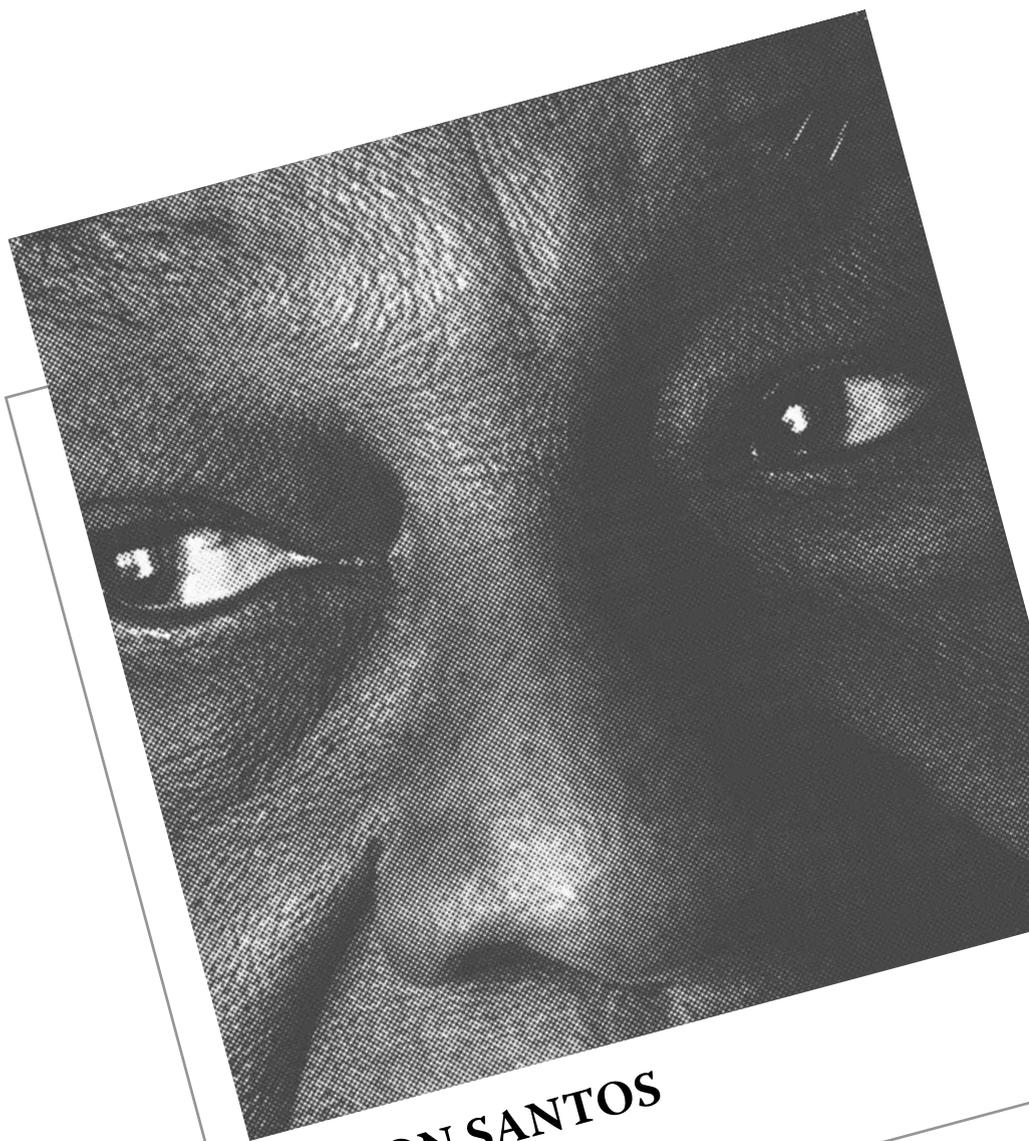
MILTON SANTOS

Vida e Obra



Câmara dos
Deputados

Brasília | 2014



MILTON SANTOS
Vida e Obra

Mesa da Câmara dos Deputados
54ª Legislatura – 4ª Sessão Legislativa
2011-2015

Presidente

Henrique Eduardo Alves

1º Vice-Presidente

André Vargas

2º Vice-Presidente

Fábio Faria

1º Secretário

Márcio Bittar

2º Secretário

Simão Sessim

3º Secretário

Maurício Quintella Lessa

4º Secretário

Biffi

Suplentes de Secretário

1º Suplente

Gonzaga Patriota

2º Suplente

Wolney Queiroz

3º Suplente

Vitor Penido

4º Suplente

Takayama

Diretor-Geral

Sérgio Sampaio Contreiras de Almeida

Secretário-Geral da Mesa

Mozart Vianna de Paiva



Câmara dos Deputados
Comissão de Educação

Milton Santos

Vida e Obra

Seminário sobre o geógrafo Milton Santos realizado em 2010 pela então Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados.

Centro de Documentação e Informação
Edições Câmara
Brasília – 2014

Câmara dos Deputados

DIRETORIA LEGISLATIVA

Diretor Afrísio Vieira Lima Filho

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO

Diretor Adolfo C. A. R. Furtado

COORDENAÇÃO EDIÇÕES CÂMARA

Diretora Heloísa Helena S. C. Antunes

DEPARTAMENTO DE COMISSÕES

Diretor Sílvio Avelino da Silva

DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

Diretora Daisy Leão Coelho Berquó

Projeto gráfico Paula Scherre

Diagramação e capa Diego Moscardini

Câmara dos Deputados

Centro de Documentação e Informação – Cedi

Coordenação Edições Câmara – Coedi

Anexo II – Praça dos Três Poderes

Brasília (DF) – CEP 70160-900

Telefone: (61) 3216-5809; fax: (61) 3216-5810

editora@camara.leg.br

SÉRIE

Comissões em ação

n. 13

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
Coordenação de Biblioteca. Seção de Catalogação.

Milton Santos [recurso eletrônico] : vida e obra / Câmara dos Deputados, Comissão de Educação. – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014.
73 p. – (Série comissões em ação ; n. 13)

“Seminário sobre o geógrafo Milton Santos realizado em 2010 pela então Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados”
ISBN 978-85-402-0034-0

1. Santos, Milton, biografia. 2. Geógrafo, biografia. I. Brasil. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. Comissão de Educação. II. Série.

CDU 929

ISBN 978-85-402-0033-3 (brochura)

ISBN 978-85-402-0034-0 (e-book)

Súmarío

<u>Membros da Comissão de Educação e Cultura – 2010</u>	<u>7</u>
<u>Membros da Comissão de Educação e Cultura – 2011</u>	<u>9</u>
<u>Membros da Comissão de Educação e Cultura – 2012</u>	<u>13</u>
<u>Membros da Comissão de Educação – 2013</u>	<u>17</u>
<u>Apresentação</u>	<u>21</u>
<u>Prefácio</u>	<u>23</u>
<u>Participantes do Seminário</u>	<u>25</u>
<u>Seminário</u>	<u>27</u>

MEMBROS DA Comissão de Educação e Cultura – 2010

Mesa da Comissão

Presidente	Angelo Vanhoni	PT/PR
Vice-Presidentes	Paulo Rubem Santiago	PDT/PE
	Antonio Carlos Chamariz	PTB/AL
	Pinto Itamaraty	PSDB/MA

Composição da Comissão

TITULARES

Alice Portugal – PCdoB/BA
Angelo Vanhoni – PT/PR
Antônio Carlos Biffi – PT/MS
Antonio Carlos Chamariz – PTB/AL
Ariosto Holanda – PSB/CE
Átila Lira – PSB/PI
Brizola Neto – PDT/RJ
Carlos Abicalil – PT/MT
Clóvis Fecury – DEM/MA
Elismar Prado – PT/MG
Fátima Bezerra – PT/RN
Fernando Chiarelli – PDT/SP
Gastão Vieira – PMDB/MA
Iran Barbosa – PT/SE
João Matos – PMDB/SC
Joaquim Beltrão – PMDB/AL
Jorge Tadeu Mudalen – DEM/SP
Jorginho Maluly – DEM/SP

SUPLENTES

Alceni Guerra – DEM/PR
Andreia Zito – PSDB/RJ
Angela Portela – PT/RR
Antonio José Medeiros – PT/PI
Bonifácio de Andrada –
PSDB/MG
Charles Lucena – PTB/PE
Dalva Figueiredo – PT/AP
Eduardo Barbosa – PSDB/MG
Gilmar Machado – PT/MG
João Oliveira – DEM/TO
José Linhares – PP/CE
Lídice da Mata – PSB/BA
Lira Maia – DEM/PA
Luiz Carlos Setim – DEM/PR
Luiza Erundina – PSB/SP
Marcelo Ortiz – PV/SP
Mauro Benevides – PMDB/CE
Narcio Rodrigues – PSDB/MG

Composição da Comissão

TITULARES

Lelo Coimbra – PMDB/ES
Lobbe Neto – PSDB/SP
Luciana Costa – PR/SP
Marcelo Almeida – PMDB/PR
Maria do Rosário – PT/RS
Nilmar Ruiz – PR/TO
Nilson Pinto – PSDB/PA
Paulo Rubem Santiago – PDT/PE
Pinto Itamaraty – PSDB/MA
Professor Setimo – PMDB/MA
Raul Henry – PMDB/PE
Rogério Marinho – PSDB/RN
Waldir Maranhão – PP/MA
Wilson Picler – PDT/PR

SUPLENTES

Osmar Serraglio – PMDB/PR
Paulo Delgado – PT/MG
Paulo Magalhães – DEM/BA
Pedro Wilson – PT/GO
Professor Ruy Pauletti –
PSDB/RS
Professora Raquel Teixeira – PSDB/
GO
Raimundo Gomes de Matos
– PSDB/CE
Reginaldo Lopes – PT/MG
Rodrigo Rocha Loures –
PMDB/PR
Saraiva Felipe – PMDB/MG
Severiano Alves – PMDB/BA

MEMBROS DA Comissão de Educação e Cultura – 2011

Mesa da Comissão

Presidente	Fatima Bezerra	PT/RN
1º Vice-Presidente	Lelo Coimbra	PMDB/ES
2º Vice-Presidente	Artur Bruno	PT/CE
3º Vice-Presidente	Alice Portugal	PCdoB/BA

Composição da Comissão

TITULARES

Alex Canziani – PTB/PR
Alice Portugal – PCdoB/BA
Antonio Carlos Magalhães Neto
– DEM/BA
Antônio Roberto – PV/MG
Artur Bruno – PT/CE
Biffi – PT/MS
Costa Ferreira – PSC/MA
Dr. Ubiali – PSB/SP
Fátima Bezerra – PT/RN
Gabriel Chalita – PMDB/SP
Gastão Vieira – PMDB/MA
Izalci – PSDB/DF
Joaquim Beltrão – PMDB/AL
Lelo Coimbra – PMDB/ES
Luiz Carlos Setim – DEM/PR

SUPLENTES

Alessandro Molon – PT/RJ
Angelo Vanhoni – PT/PR
Ariosto Holanda – PROS/CE
Bonifácio de Andrada – PSDB/MG
Danrlei de Deus Hinterholz – PSD/RS
Dra. Elaine Abissamra – PSB/SP
Eduardo Barbosa – PSDB/MG
Eleuses Paiva – PSD/SP
Eliane Rolim – PT/RJ
Eliseu Padilha – PMDB/RS
Emiliano José – PT/BA
Esperidião Amin – PP/SC
Gabriel Chalita – PMDB/SP
Giovanni Queiroz – PDT/PA
Hugo Motta – PMDB/PB

Composição da Comissão

TITULARES

Luiz Noé – PSB/RS
Mara Gabrilli – PSDB/SP
Nazareno Fonteles – PT/PI
Nice Lobão – PSD/MA
Nice Lobão – PSD/MA
Paulo Freire – PR/SP
Paulo Pimenta – PT/RS
Paulo Rubem Santiago – PDT/PE
Pedro Uczai – PT/SC
Pinto Itamaraty – PSDB/MA
Professor Setimo – PMDB/MA
Professora Dorinha Seabra Rezende – DEM/TO
Raul Henry – PMDB/PE
Reginaldo Lopes – PT/MG
Rogério Marinho – PSDB/RN
Ságuas Moraes – PT/MT
Stepan Nercessian – PPS/RJ
Thiago Peixoto – PSD/GO
Tiririca – PR/SP
Waldenor Pereira – PT/BA
Waldir Maranhão – PP/MA

SUPLENTE

Ivan Valente – PSOL/SP
Jandira Feghali – PCdoB/RJ
Janete Capiberibe – PSB/AP
João Bittar – DEM/MG
Jorginho Mello – PR/SC
José de Filippi – PT/SP
José Linhares – PP/CE
Junji Abe – PSD/SP
Luiza Erundina – PSB/SP
Mauro Benevides – PMDB/CE
Nelson Marchezan Junior – PSDB/RS
Newton Lima – PT/SP
Onyx Lorenzoni – DEM/RS
Osmar Serraglio – PMDB/PR
Oziel Oliveira – PDT/BA
Pastor Marco Feliciano – PSC/SP
Paulo Magalhães – PSD/BA
Pedro Chaves – PMDB/GO
Penna – PV/SP
Renan Filho – PMDB/AL
Rodrigo Maia – DEM/RJ
Rogério Peninha Mendonça – PMDB/SC
Romanna Remor – PMDB/SC
Romário – PSB/RJ
Ronaldo Caiado – DEM/GO
Rosane Ferreira – PV/PR

Composição da Comissão

TITULARES

SUPLENTES

Rui Costa – PT/BA

Severino Ninho – PSB/PE

Valmir Assunção – PT/BA

William Dib – PSDB/SP

Zé Silva – SDD/MG

MEMBROS DA Comissão de Educação e Cultura – 2012

Mesa da Comissão

Presidente	Newton Lima	PT/SP
1º Vice-Presidente	Raul Henry	PMDB/PE
2º Vice-Presidente	Pedro Uczai	PT/SC
3º Vice-Presidente	Paulo Rubem Santiago	PDT/PE

Composição da Comissão

TITULARES

Alex Canziani – PTB/PR
Acelino Popó – PRB/BA
Ademir Camilo – PROS/MG
Alex Canziani – PTB/PR
Alice Portugal – PCdoB/BA
Antônio Roberto – PV/MG
Artur Bruno – PT/CE
Biffi – PT/MS
Chico Alencar – PSOL/RJ
Costa Ferreira – PSC/MA
Danilo Cabral – PSB/PE
Dr. Ubiali – PSB/SP
Fátima Bezerra – PT/RN
Gabriel Chalita – PMDB/SP
Gastão Vieira – PMDB/MA
Izalci – PSDB/DF

SUPLENTES

Acelino Popó – PRB/BA
Alessandro Molon – PT/RJ
Aline Corrêa – PP/SP
Anderson Ferreira – PR/PE
Angelo Vanhoni – PT/PR
Antônio Roberto – PV/MG
Ariosto Holanda – PROS/CE
Audifax – PSB/ES
Bonifácio de Andrada – PSDB/MG
Danrlei de Deus Hinterholz – PSD/RS
Dr. Jorge Silva – PROS/ES
Dr. Ubiali – PSB/SP
Eduardo Barbosa – PSDB/MG
Eleuses Paiva – PSD/SP
Eliane Rolim – PT/RJ
Eliseu Padilha – PMDB/RS

Composição da Comissão

TITULARES

Joaquim Beltrão – PMDB/AL
Jorge Boeira – PP/SC
Lelo Coimbra – PMDB/ES
Luiz Carlos Setim – DEM/PR
Luiz Noé – PSB/RS
Mara Gabrilli – PSDB/SP
Nazareno Fonteles – PT/PI
Newton Lima – PT/SP
Nice Lobão – PSD/MA
Paulo Freire – PR/SP
Paulo Pimenta – PT/RS
Paulo Rubem Santiago – PDT/PE
Pedro Uczai – PT/SC
Pinto Itamaraty – PSDB/MA
Professor Setimo – PMDB/MA
Professora Dorinha Seabra Rezende – DEM/TO
Raul Henry – PMDB/PE
Reginaldo Lopes – PT/MG
Rogério Marinho – PSDB/RN
Stepan Nercessian – PPS/RJ
Telma Pinheiro – PSDB/MA
Tiririca – PR/SP
Waldenor Pereira – PT/BA
Waldir Maranhão – PP/MA

SUPLENTE

Emiliano José – PT/BA
Esperidião Amin – PP/SC
Geraldo Resende – PMDB/MS
Gilmar Machado – PT/MG
Henrique Afonso – PV/AC
Ivan Valente – PSOL/SP
Jandira Feghali – PCdoB/RJ
Jean Wyllys – PSOL/RJ
João Bittar – DEM/MG
Jorginho Mello – PR/SC
José de Filippi – PT/SP
José Linhares – PP/CE
Keiko Ota – PSB/SP
Major Fábio – PROS/PB
Manoel Salviano – PSD/CE
Marcos Rogério – PDT/RO
Maurício Quintella Lessa – PR/AL
Mauro Benevides – PMDB/CE
Miriquinho Batista – PT/PA
Natan Donadon – S.PART./RO
Nelson Marchezan Junior – PSDB/RS
Newton Lima – PT/SP
Nilson Leitão – PSDB/MT
Onyx Lorenzoni – DEM/RS
Osmar Serraglio – PMDB/PR
Oziel Oliveira – PDT/BA
Pastor Marco Feliciano – PSC/SP

Composição da Comissão

TITULARES

SUPLENTES

Pedro Chaves – PMDB/GO

Penna – PV/SP

Rogério Peninha Mendonça
– PMDB/SC

Romanna Remor – PMDB/SC

Rosane Ferreira – PV/PR

Rui Costa – PT/BA

Severino Ninho – PSB/PE

MEMBROS DA Comissão de Educação – 2013

Mesa da Comissão		
Presidente	Gabriel Chalita	PMDB/SP
1º Vice-Presidente	Artur Bruno	PT/CE
2º Vice-Presidente	Lelo Coimbra	PMDB/ES
3º Vice-Presidente	Alex Canziani	PTB/PR

Composição da Comissão	
TITULARES	SUPLENTES
PT	
Angelo Vanhoni – PT/PR	Alessandro Molon – PT/RJ
Artur Bruno – PT/CE	Iara Bernardi – PT/SP
Fátima Bezerra – PT/RN	Leonardo Monteiro – PT/MG
Francisco Praciano – PT/AM	Margarida Salomão – PT/MG
Pedro Uczai – PT/SC	Newton Lima – PT/SP
Reginaldo Lopes – PT/MG – vaga do PSD	Nilmário Miranda – PT/MG – vaga do PCdoB
Waldenor Pereira – PT/BA – vaga do PR	
PMDB	
Celso Jacob – PMDB/RJ – vaga do PR	Mauro Benevides – PMDB/CE
Gabriel Chalita – PMDB/SP	Osmar Serraglio – PMDB/PR
Lelo Coimbra – PMDB/ES	Pedro Chaves – PMDB/GO
Professor Setimo – PMDB/MA	Rogério Peninha Mendonça – PMDB/SC
Raul Henry – PMDB/PE (Deputado do PSC ocupa a vaga)	Saraiva Felipe – PMDB/MG
PSDB	
Izalci – PSDB/DF	Andreia Zito – PSDB/RJ
Nilson Pinto – PSDB/PA	Bonifácio de Andrada – PSDB/MG

PSDB

Pinto Itamaraty – PSDB/MA

Eduardo Barbosa – PSDB/MG

Mara Gabrielli – PSDB/SP –
vaga do PPNilson Leitão – PSDB/MT –
vaga do PRTB**PSD**

Manoel Salviano – PSD/CE

Hugo Napoleão – PSD/PI

(Deputado S.PART. ocupa a vaga)

Paulo Magalhães – PSD/BA

(Deputado do PT ocupa a vaga)

1 vaga

PP

Aline Corrêa – PP/SP

Esperidião Amin – PP/SC

Waldir Maranhão – PP/MA

José Linhares – PP/CE

(Deputado do PSOL ocupa a vaga)

(Deputado do PSDB ocupa a vaga)

PR

(Deputado do PMDB ocupa a vaga)

Aracely de Paula – PR/MG

(Deputado do PT ocupa a vaga)

Jorginho Mello – PR/SC

PSB

Glauber Braga – PSB/RJ

Ariosto Holanda – PSB/CE

Leopoldo Meyer – PSB/PR

Keiko Ota – PSB/SP

Severino Ninho – PSB/PE –
vaga do PDTValadares Filho – PSB/SE –
vaga do PSC**DEM**

João Bittar – DEM/MG

(Deputado do PSOL ocupa a vaga)

Major Fábio – DEM/PB

(Deputado do PDT ocupa a vaga)

Professora Dorinha Seabra Rezende
– DEM/TO – vaga do PRTB**PDT**

Paulo Rubem Santiago – PDT/PE

Damião Feliciano – PDT/PB –
vaga do PRBWeverton Rocha – PDT/MA –
vaga do DEM

(Deputado do PSB ocupa a vaga)

PTB

Alex Canziani – PTB/PR

José Augusto Maia – PTB/PE

Bloco PV, PPS

Stepan Nercessian – PPS/RJ

Eurico Júnior – PV/RJ

PSC

Costa Ferreira – PSC/MA

(Deputado do PSB ocupa a vaga)

Professor Sérgio de Oliveira –
PSC/PR – vaga do PMDB**PCdoB**

Alice Portugal – PCdoB/BA

(Deputado do PT ocupa a vaga)

PRB

George Hilton – PRB/MG

(Deputado do PDT ocupa a vaga)

PRTB

(Deputado do DEM ocupa a vaga)

(Deputado do PSDB ocupa a vaga)

PSOLChico Alencar – PSOL/RJ –
vaga do PPJean Wyllys – PSOL/RJ –
vaga do DEM**S.PART.**Jorge Boeira – S.PART./SC –
vaga do PSD

Apresentação

No ano de 2010, pela brilhante iniciativa da hoje Senadora Lídice da Mata, a Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados realizou o Seminário “Milton Santos – Vida e Obra”. Foi um encontro ímpar dedicado à discussão e análise da obra e o pensamento de um dos mais importantes intelectuais brasileiros sob as perspectivas da teoria geográfica, da globalização, da negritude, levando-se em conta os seus aspectos econômicos, políticos e sociais.

Milton Santos é baiano, e foi considerado o maior geógrafo brasileiro, destacando-se em particular nos estudos sobre a história da Geografia no Brasil. Por conta do seu talento e dedicação também foi considerado um dos maiores do século XX. Notabilizou-se, sobretudo, na abordagem sobre a epistemologia da Geografia, as conseqüências da globalização e o espaço urbano.

Foi professor da Universidade de São Paulo, tendo lecionado em inúmeros países, em particular a França, quando estava exilado. Foi vencedor do prêmio Jabuti de 1997, com o livro *A Natureza do Espaço*, considerado até hoje, o melhor livro de ciências humanas produzido no Brasil. Na sua condição de negro, foi um dos mais firmes combatentes na luta contra o racismo no Brasil.

Sua obra é, até hoje, referência maior no campo do pensamento social sobre o espaço, tendo sido um profundo defensor da tese de que o geógrafo deve debruçar-se prioritariamente sobre o caráter social do espaço em vez dos números e das estatísticas.

Milton Santos, foi também um dos mais poderosos críticos do conceito de globalização e afirmava categoricamente que – “Essa globalização não vai durar. Primeiro, ela não é a única possível. Segundo, não durar como está porque está monstruosa, perversa. Não vai durar porque não tem finalidade”.

Sobre a globalização, Milton Santos era um de seus críticos mais ferrenhos. Em uma de suas mais célebres frases, ele afirmava que “Essa

globalização não vai durar. Primeiro, ela não é a única possível. Segundo, não vai durar como está porque como está é monstruosa, perversa. Não vai durar porque não tem finalidade”. Neste sentido, escreveu um dos seus livros mais conhecidos e instigantes – “Por uma outra globalização”.

Enfim, Milton Santos, que faleceu em 2001, foi um dos maiores estudiosos sobre o território brasileiro, tendo deixado uma obra importantíssima por meio de livros, textos, artigos, sendo até hoje, o seu pensamento considerado uma das pedras angulares dos movimentos antiglobalização.

Desde a realização do Seminário, os presidentes que passaram pela Comissão de Educação e Cultura – Deputados Ângelo Vanhoni, Fátima Bezerra, Newton Lima e Gabriel Chalita – envidaram esforços para tornar realidade esta publicação que agora apresentamos.

Boa leitura!

Deputada Fátima Bezerra
Presidenta da Comissão em 2011

Prefácio

Milton Santos, um pensador universal

Os brasileiros, particularmente nós, baianos, ainda conhecemos muito pouco sobre a vida e a obra do geógrafo e professor Milton Santos, um dos mais brilhantes e respeitados intelectuais do nosso tempo. Deveríamos conhecer muito mais sobre o pensamento desse baiano de Brotas de Macaúbas, porque ele nos deixou um grande legado, uma obra singular, incomparável, que hoje é referência em todo o mundo. Não seria exagero dizer que ele fundou uma nova geografia, reescrevendo os fundamentos dessa disciplina e nos ensinando uma nova forma de olhar e compreender o mundo.

Interpretando o sentimento da maioria dos meus conterrâneos e de muitos outros brasileiros admiradores de Milton Santos, creio que não há nada mais apropriado para homenagear esse baiano de espírito crítico e inovador do que discutir a sua obra, debater e divulgar as suas ideias. Por isso propus à Comissão de Educação e Cultura, da qual faço parte, a realização deste seminário com a participação dos colegas parlamentares e dos representantes do meio acadêmico, todos unânimes em reconhecer a importância da obra de Milton Santos para o estudo dos problemas do território brasileiro e da nossa sociedade.

Neste momento, em que vivemos a mais grave crise do capitalismo no mundo, considero necessária e oportuna uma reflexão sobre as teorias de Milton Santos. Ele inspira novos caminhos, alerta para a necessidade de outro modelo de globalização, em que o desenvolvimento seja a favor do homem e não apenas para o benefício das corporações nacionais e transnacionais.

Negro, nascido no interior da Bahia, Milton Santos nunca se deixou abater pelo racismo, pelo preconceito social e muito menos se fez prisioneiro do rancor ou do ressentimento, apesar das imensas dificuldades que enfrentou ao longo dos seus 75 anos de vida. Ele foi um

vencedor, um mensageiro da esperança, um guerreiro da palavra que, sempre com um sorriso amável, nunca parou de lutar e nos legou um arsenal de ideias sobre a problemática do mundo globalizado e as possibilidades de construirmos um futuro melhor para todos.

Milton Santos foi um pensador universal, logo não foi por acaso que, em 1994, ele recebeu o Prêmio Vautrin Lud, considerado o Nobel da geografia. Foi o coroamento de uma trajetória que começou na Bahia, onde, além de ter sido professor, trabalhou como jornalista e se destacou como um intelectual engajado, um combatente das causas políticas e sociais.

Nas décadas de 50 e 60, Milton Santos era um dos poucos intelectuais brasileiros a abordar com clareza os problemas do negro na Bahia e no Brasil, mesmo sendo uma época em que esse assunto era praticamente proibido. Contrariou interesses, incomodou os poderosos e terminou exilado durante o período da ditadura militar.

Enquanto esteve exilado, ele estudou, ensinou e trabalhou em vários países da Europa, América Latina e África. Foi consultor da Organização das Nações Unidas (ONU) e da Organização dos Estados Americanos (OEA). Retornou ao Brasil no final da década de 70 e foi ensinar na Universidade de São Paulo, onde produziu grande parte de sua obra. Milton Santos faleceu em 2001.

Gostaria de registrar a participação e um agradecimento especial aos professores Aldo Dantas, da Universidade do Rio Grande do Norte; Fernando Conceição, da Universidade Federal da Bahia, responsável pela biografia de Milton Santos; e Maria Peluso, da Universidade de Brasília, que nos proporcionaram a oportunidade de conhecer e debater as principais ideias e aspectos da obra de Milton Santos.

Também quero registrar o meu agradecimento especial à senadora Fátima Cleide (PT-RO), presidente da Comissão de Educação e Cultura do Senado, aos representantes do Ministério da Cultura, ao governo da Bahia, aos colegas deputados e senadores, e aos estudantes, professores e admiradores da obra de Milton Santos que participaram desta homenagem.

Lídice da Mata – PSB/BA

Participantes do Seminário

Sônia Carneiro – Representante do governo do estado da Bahia.

Márcia Genesis de Sant'anna – Diretora do Patrimônio Imaterial do Instituto do Patrimônio Histórica e Artístico Nacional – IPHAN.

Fernando Costa da Conceição – Professor da Universidade Federal da Bahia – UFBA.

Aldo Aloisio Dantas – Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN.

Marília Luiza Peluso – Professora-Chefe do Departamento de Geografia da Universidade de Brasília – UnB.

Rafael Sânzio Araújo dos Anjos – Professor da UnB.

Zulu Araújo – Presidente da Fundação Cultural Palmares.

Seminário

O SR. PRESIDENTE (Deputado Paulo Rubem Santiago) – Boa tarde a todos que nos honram com a presença, nesta tarde, na Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados.

Vamos iniciar o seminário alusivo à obra e vida do prof. Milton Santos, que muitos de nós, da Comissão de Educação ou que já passamos pela Comissão de Desenvolvimento Urbano, tivemos a honra, em vários momentos, de conhecer sua obra. Eu tive a honra de conhecê-lo pessoalmente e de ter tido o apoio e a ajuda de seu irmão, o economista Nailton Santos, ex-professor da Universidade Católica de Pernambuco, em várias ações desenvolvidas, quando exercia o mandato de deputado estadual na Assembleia Legislativa de Pernambuco.

É uma honra para nós realizarmos hoje este seminário pela magnitude da figura humana do prof. Milton Santos, pelo reconhecimento internacional da excelência de sua obra como geógrafo, mas, sobretudo, por sua permanente vigilância e crítica ao processo de globalização.

Certamente alguns já tomaram conhecimento das últimas entrevistas com o professor e do documentário *Uma outra globalização é possível, um outro mundo é possível*.

Creio que deveríamos providenciar cópias dessa obra para disponibilizar a todos os que têm interesse em conhecê-la melhor. A partir da obra do prof. Milton Santos, poderemos fazer o debate de um outro modelo de desenvolvimento contemplando urbanização e sociedade.

A Mesa já está formada com os nossos convidados de hoje: Sra. Márcia Sant'Anna, Diretora do Patrimônio Imaterial do IPHAN; Sra. Sônia Carneiro, representante do governo do estado da Bahia; Exma. Sra. Senadora, prof^ª. Fátima Cleide, presidente da Comissão de Educação e Cultura do Senado; e nossa querida deputada Lídice da Mata, autora do requerimento para realização deste seminário.

Pelo Regimento da Casa, após a exposição dos palestrantes, abriremos a palavra para todos os que tenham interesse em participar do debate, dando sua contribuição.

Com a palavra, a autora do requerimento, deputada Lídice da Mata.

A SRA. DEPUTADA LÍDICE DA MATA – Boa tarde a todos.

Agradeço a presença aos debatedores e expositores e aos convidados em geral que vieram integrar esta discussão, esta reflexão sobre o pensamento de Milton Santos.

Quero saudar e agradecer a presença do deputado Paulo Rubem Santiago, vice-presidente de nossa Comissão, que, neste momento, assume o papel de presidente, honrando-nos com sua presença na abertura deste seminário. Saúdo nossa querida presidenta da Comissão de Educação e Cultura do Senado, senadora Fátima Cleide, que já me disse sobre a necessidade de se ausentar. Vou falar rapidamente para lhe dar a oportunidade de nos saudar.

Quero cumprimentar e agradecer a presença da representante do governo da Bahia, por intermédio da jornalista Sônia Carneiro, e à baiana, querida amiga, Márcia Sant'Anna, que além do seu talento especial e de sua contribuição ao IPHAN e ao Ministério da Cultura, aqui representa o Ministro da Cultura Juca Ferreira, e é também filha de uma grande figura da Bahia, o ex-deputado Constituinte Fernando Sant'Anna, que teve presença marcante em nossa vida.

É meio autoexplicável a realização de um seminário sobre o pensamento de Milton Santos. Nós baianos que temos muito orgulho de tê-lo tido como ícone da intelectualidade brasileira e que tivemos, por alguma sorte, a possibilidade de conviver com ele, seja profissionalmente, seja numa relação mais amena, familiar, sociável, ou política, por estarmos engajados nas suas causas, não precisamos dizer da importância de continuar refletindo, pensando e divulgando o pensamento de Milton Santos.

Quero chamar a atenção para o fato de que resolvemos propor este seminário, no ano passado, para que pudéssemos fazer algo relacionado ao pensamento de Milton na passagem de 20 de novembro. Assim, marcaremos essa data com conexão de importância e destaque de um negro intelectual, um dos grandes intelectuais de sua geração, um dos poucos negros, à época, intelectual ou estudante de uma universidade federal no nosso país, embora sua postura política, seu pensamento político,

influenciado claramente pelo marxismo, não abordasse, da forma como hoje se pensa e aborda, a questão racial no Brasil.

Foi com essa motivação inicial de reverenciarmos Milton em 20 de novembro que nós nos estimulamos a apresentar esse requerimento que, de pronto, foi aceito por esta Comissão de Educação que reverencia a memória dele. Tentamos realizar este seminário no ano passado, mas, por diversas dificuldades da Câmara naquele período, não foi possível.

Neste ano, reapresentamos esse requerimento e buscamos fazê-lo próximo a alguma data significativa para o Dr. Milton Santos, no caso, o seu aniversário de nascimento, 3 de maio. Por isso, buscamos realizá-lo nesta data de hoje.

Portanto, gostaria de agradecer a todos a presença e dizer da nossa satisfação de estar aqui reverenciando este baiano de Brotas de Macaúbas, uma região de minério, um município pequeno dentro do oeste da Bahia, numa relação com a Chapada Diamantina, uma área tão distante, o que demonstra ainda mais esse esforço de crescimento de Milton do ponto de vista intelectual.

Nós – com tradição da Bahia e em Pernambuco menos – nordestinos sabemos que nascer no interior torna tudo mais difícil. Sou do interior, e minha geração teve de sair do interior para estudar em Salvador. Imaginem o esforço que fizeram os que foram antes de nós para chegar lá!

Novamente agradeço a todos, à equipe e ao secretariado da Comissão de Educação da Câmara dos Deputados, aos funcionários da Liderança do PSB e do gabinete, por tornarem possível a realização deste evento.

Muito obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Paulo Rubem Santiago) – Muito obrigado, deputada Lídice da Mata, autora do requerimento de realização deste seminário.

Passo a palavra à senadora, prof^a. Fátima Cleide, presidenta da Comissão de Educação e Cultura do Senado.

A SRA. SENADORA FÁTIMA CLEIDE – Boa tarde a todos.

Inicialmente cumprimento a Mesa, a deputada Lídice da Mata, autora do requerimento para realização deste seminário, a Dra. Sônia, representante do governo da Bahia, a Dra. Márcia, representante do Ministério da Cultura, e, carinhosamente, o deputado Paulo Rubem Santiago, que preside a abertura deste importante seminário. Cumprimento meu querido amigo, deputado Pedro Wilson, e aqui, entre as senhoras e os

senhores, o Sr. Waldomiro de Souza, um entusiasta da necessidade de que todos conheçam a vida e obra de Milton Santos.

Conversava com meu assessor, o Ronald, que dizia que este seminário é muito importante porque resgata a participação política de Milton Santos, reconhecida pela Academia. Disse-lhe:

Espera aí. Ele não foi deputado, nem senador, nem secretário, enfim, não há nenhuma contestação em relação ao caráter político de sua obra. Ele ocupou vários cargos, mas, no meio político, não temos muita referência, a não ser citações de obras, à vida política de Milton Santos.

Ronald me disse que ele foi vice-presidente da UNE. O que o levou a ocupar esse cargo foi o fato de ser negro, porque se acreditava que dificilmente um negro seria recebido pelas autoridades.

Graças a Deus estamos caminhando para mudar essa realidade, ainda a duras penas. Por isso, acredito ser muito importante a realização deste seminário para fortalecer a necessidade de superarmos ainda e muito o preconceito racial e todas as formas de preconceitos que existem na nossa sociedade.

Acredito que a vida de Milton Santos é um exemplo para as gerações de brasileiros e brasileiras de todas as origens, que dedicam a vida e luta à ética, à cidadania e à educação.

Sendo assim, faço a minha saudação a todos que estão aqui dispostos a discutir, conversar, prosear e aprender um pouco mais sobre a vida de Milton Santos.

Peço desculpas à Mesa e a todos por ter de ausentar-me. Infelizmente, as tarefas de presidenta da Comissão de Educação e Cultura e as de Parlamentar do Senado me obrigam a retirar-me neste momento. Mas fico com o coração e a mente voltados para que o sucesso deste evento se reflita um pouco mais de ênfase nas nossas duas Casas, tanto na Câmara como no Senado Federal, e para que a vida e a obra de Milton Santos continuem a nos iluminar, para que possamos ter muito mais força nas nossas lutas pela superação do preconceito na nossa sociedade.

Muito obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Paulo Rubem Santiago) – Muito obrigado, senadora.

Passo a palavra à representante do governo do estado da Bahia, Sra. Sônia Carneiro.

A SRA. SÔNIA CARNEIRO – Boa tarde.

Saúdo todos, pedindo desculpas pelo governador Jaques Wagner, que não pôde vir, pois tinha compromissos na Bahia. Ele me pediu para lembrar que, no último dia 26 de março, houve a inauguração do Memorial do Meio Ambiente professor Milton Santos, que mostra ao público as transformações da Bahia. O Memorial possui um bom acervo, um banco de dados muito completo, é multimídia, onde se pode fazer uma boa pesquisa, inclusive sobre a trajetória e as obras dele. Esse Memorial é algo novo, foi inaugurado neste mês de março. O convite está aberto a todos que desejarem conhecer este memorial.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Paulo Rubem Santiago) – Muito obrigado.

Passo a palavra à Sra. Márcia Sant’Anna, Diretora de Patrimônio Imaterial do IPHAN, que aqui representa o Ministro Juca Ferreira.

A SRA. MÁRCIA GENESIA DE SANT’ANNA – Boa tarde a todos.

É um grande prazer estar aqui para, em nome do Ministro da Cultura, participando deste seminário.

Saúdo a senadora Fátima Cleide, presidenta da Comissão de Educação e Cultura do Senado Federal, o deputado Paulo Rubem Santiago, vice-presidente da Comissão de Educação e Cultura da Câmara, a Sra. Sônia Carneiro, representante do governo da Bahia, e a deputada Lídice da Mata, autora do requerimento que nos permite estar aqui hoje saudando e celebrando a vida, a memória e a obra desse grande brasileiro que foi Milton Santos.

O ministro da Cultura Juca Ferreira pede desculpas por não poder estar presente, pois já tinha vários compromissos assumidos nesta data.

Ele me recomendou muito, pediu que lembrasse aqui dois aspectos da grande figura que foi Milton Santos.

O primeiro, ressaltar a genialidade e a profundidade do pensamento para o estudo e a compreensão do espaço humano e, em particular, das nossas cidades. O que seria de nós urbanistas sem Milton Santos como guia para nossos estudos, para nossas análises? Claro que para os geógrafos de modo mais completo, mas para nós, arquitetos e urbanistas, Milton Santos também foi fundamental.

O segundo, ressaltar que a grandeza de Milton Santos fica ainda maior se lembrarmos do fato, um deles já ressaltado pela deputada Lídice da Mata, de ele ter sido um rapaz do interior, que provavelmente enfrentou naquela época todas as dificuldades de buscar educação, de ter de se mudar para a grande cidade, e, acrescido a isso, o fato de ser negro, num momento em que nossa sociedade era ainda mais explicitamente racista do que é hoje. Atualmente, já temos alguns avanços nesse campo, sobretudo nesse último governo. Com as cotas universitárias e outras iniciativas, estamos avançando no que diz respeito a tirar um pouco essa diferença e a saudar um pouco essa grande dívida que a nação tem com todos os afrodescendentes. Mas, nesse ponto de vista, Milton Santos viveu numa época ainda mais difícil. Mas sua genialidade e inteligência são tão privilegiadas, são absolutamente tão imensas, que Milton Santos, desde muito cedo, desde quando defendeu sua tese de mestrado sobre o centro de Salvador – trabalho fundamental para quem quer compreender os processos urbanos da cidade –, conseguiu se colocar de maneira central nos estudos dos espaços humano e urbano no Brasil e no mundo.

Milton Santos foi um gênio e orgulha a todos, particularmente a nós baianos. Ficamos absolutamente orgulhosos e chegamos até a acreditar no dito popular “baiano burro nasce morto”. Milton Santos é a prova de que, de fato, é muito difícil que isso ocorra na Bahia.

Enfim, é uma grande alegria estar aqui. Penso que nunca é demais celebrar e saudar a vida e a obra de Milton Santos.

Mais uma vez, em nome do ministro da Cultura, parabeno a deputada Lídice da Mata pela iniciativa.

Finalmente, quero dizer que Milton Santos, além de um grande brasileiro, um grande baiano, foi um grande cidadão do mundo, uma pessoa admirada internacionalmente. Talvez ele seja um dos intelectuais brasileiros mais celebrados no exterior pela sua contribuição fundamental com o pensamento na área da geografia, do urbanismo e dos estudos de um modo geral relacionados ao espaço humano.

Muito obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Paulo Rubem Santiago) – Obrigado, Dra. Márcia Sant’Anna.

Quero registrar a presença, já saudada pela senadora Fátima Cleide, do deputado Pedro Wilson, ex-presidente desta Comissão, o que muito nos honra.

Quero compartilhar trecho de entrevista do prof. Milton Santos, numa série editorial publicada há poucos anos, cujo título era *Entrevistas*. Nessa publicação, o prof. Milton Santos, ao final da entrevista, num dos últimos capítulos, falava da sua perplexidade com a situação das universidades brasileiras. Dizia-nos da preocupação com o progressivo afastamento das universidades da vida cotidiana desta nação, da preocupação exacerbada com a consolidação das carreiras, com as pontuações obtidas pelas publicações, pela produtividade científica atrelada aos grandes periódicos indexados nas instituições de pesquisa e quase que uma progressiva autonomização da universidade em relação ao papel do conhecimento como instrumento de emancipação.

Recentemente, participei de um fórum na Universidade Federal do Rio de Janeiro em que discutimos financiamento da educação superior. Esse debate voltou à tona quando discutíamos não só o financiamento para a expansão do acesso da população brasileira à universidade pública como também os papéis que se espera que a universidade hoje possa desempenhar nesse contexto agressivo e acelerado de internacionalização das economias, da transformação da economia da esfera produtiva para a esfera da financeirização.

Fico imaginando como seria bom, aproveitando o centenário de Chico Xavier, reunir a um só tempo Darcy Ribeiro, Paulo Freire, Milton Santos e Hélder Câmara. Como seria interessante poder tê-los próximos, refletindo esse tempo de financeirização profundamente antipovo e antissoberania. Ficamos a dever muitos outros seminários como este.

Nós da Comissão de Educação, aproveitando a presença do deputado Pedro Wilson, bem poderíamos pautar um seminário sobre a obra e o pensamento de Paulo Freire, já que estamos nos quarenta anos da primeira edição da *Pedagogia do Oprimido*. Esta Casa também deve a organização de um seminário sobre a obra e o pensamento de Celso Furtado, que, há pouco mais de cinquenta anos, nos presenteava com o clássico *Formação Econômica do Brasil*, nunca tão atual quanto hoje quando falava da internacionalização e da cobiça que moveram, nos séculos XV e XVI, e continuam movendo hoje os grandes centros econômicos pelas riquezas que estão ao seu alcance.

Hoje, pela manhã, debatíamos esse tema na CPI da Dívida Pública. Lá esteve o ex-deputado Jacques Dornellas, que está aqui nos prestigiando com a sua presença.

Quero compartilhar da preocupação do prof. Milton Santos com os rumos da universidade brasileira, a sua crise de identidade, de descolamento do conhecimento como fator de emancipação e de transformação da realidade e a preocupação com essa concepção de produtividade científica, de carreira acadêmica dissociada também da intervenção desse conhecimento para a resolução dos graves e grandes problemas nacionais.

Pela ordem, concedo a palavra ao deputado Pedro Wilson.

O SR. DEPUTADO PEDRO WILSON – Sr. Presidente, peço desculpas por querer falar neste período de abertura do seminário. Parabenizo V.Exa. por ser, além de professor, um grande cordelista e entendedor da economia brasileira e mundial.

Saúdo a nossa deputada e futura senadora Lídice da Mata, ex-prefeita de Salvador, e a senadora Cleide, que não pôde aqui permanecer. Mulheres que o Parlamento reconhece e engrandece pela atuação.

Saúdo a representação da Bahia na pessoa da Dra. Marta e do Dr. Juca, que estão no governo do presidente Lula, e a Sra. Sônia, comunicadora que está aqui representando o carioca mais baiano, Jaques Wagner.

Saúdo V.Exa., deputado Paulo Rubem Santiago, um crítico profundo da situação social brasileira e da universidade. Enfim, saúdo todos os presentes.

Conheci pouco Milton Santos, mas o conheci. Participei de um debate com ele aqui, em Brasília. Como disse a Dra. Marta, arquiteta, ele foi do grupo de Aziz Ab'Saber, Rui Moreira, Cláudio Mauro, ex-deputado federal, Prefeito em Rio Claro e grande presidente da Associação Brasileira de Geografia, prof. Horieste Gomes, grande geólogo, da Universidade Federal de Goiás.

Por participarem das ideias de Milton Santos, Aziz Ab'Saber, Cláudio Mauro e tantos geólogos abandonaram a ideia da geografia física e descritiva. Eram rios, montanhas, e pronto. A partir de uma influência do marxismo, da teoria crítica de Yves Lacoste, da França, trouxeram uma visão humana da geografia para o Brasil, a visão econômica e social de que geografia não é só citar nome de população, de rios, de acidentes geográficos e tudo mais. Trouxeram a visão crítica, social e econômica que levou a universidade a ter uma visão melhor. Inclusive, quem incorporou mais e melhor o planejamento urbano no Brasil foram os profissionais da área de geografia, processo no qual, de primeiro plano, estavam economistas, engenheiros, arquitetos e urbanistas, e com todo o direito.

O geógrafo Milton Santos, não só no seu estudo sobre Salvador, mas também em vários estudos, colocou a questão do espaço como um lugar de pessoas, de migrantes, de retirantes, de pobres, como muitos que saíram do interior, assim como eu, que saí do interior de Goiás, para estudar na capital.

Muitos voltaram. Outros não, porque se engajaram certamente, como ele, na gloriosa União Nacional dos Estudantes, que teve um papel destacado na redemocratização do Brasil. Quando ele justamente estava terminando o seu curso, por incrível que pareça, de Direito, optou pela Geografia e se tornou um mestre renomado.

Ao homenagear Milton Santos, quero homenagear todos que se engajaram na luta em prol da universidade. Quero lembrar de Cláudio Mauro, ainda hoje professor da Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, de Aziz Ab'Saber, que continua trabalhando na Universidade de São Paulo, de Rui Moreira, perseguido pela ditadura, e do prof. Horieste, que traz para nós uma obra sobre o espaço, no livro *Cela 14*, mostrando o tempo da ditadura.

Lembrar de Milton Santos é lembrar da cultura brasileira e da capacidade de o Brasil descrever e buscar saídas, não é só uma geografia que trata do espaço, mas uma geografia crítica e capaz de nos levar a construir uma sociedade mais justa e fraterna.

Parabéns, deputada Lídice da Mata. É uma honra estar aqui participando desta reunião e aprendendo com o mestre de todos nós, Milton Santos.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Paulo Rubem Santiago) – Obrigado, deputado Pedro Wilson.

Passo a presidência dos trabalhos à deputada Lídice da Mata.

Muito obrigado.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Lídice da Mata) – Mais uma vez, quero agradecer a participação ao competente deputado Paulo Rubem Santiago, nosso primeiro vice-presidente, sempre solidário.

Os senhores, se desejarem, podem permanecer na Mesa.

Quero registrar a presença dos Deputados Pedro Wilson, Ivan Valente, Zezéu Ribeiro e da deputada Fátima Bezerra.

Convido para compor a Mesa o prof. Fernando Costa da Conceição, da Universidade Federal da Bahia; o prof. Aldo Aloisio Dantas, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte; a prof^a. Marília Luíza Peluso, da Universidade de Brasília (UnB).

Mais uma vez, agradeço a todas as senhoras e senhores estudiosos do pensamento e da vida de Milton a disposição, a disponibilidade e a gentileza de participarem deste nosso esforço de análise de suas contribuições para a vida brasileira.

Quero chamar também para compor a Mesa o companheiro presidente da Fundação Cultural Palmares, Sr. Zulu Araújo, arquiteto pela Universidade Federal da Bahia; e o prof. Rafael Sânzio Araújo dos Anjos, geógrafo da UnB. Aqui só há craque.

Mais uma vez, assumo a presidência dos trabalhos. Eu sou a autora do requerimento relativo a este evento. A data de realização seria 20 de novembro, companheira deputada Fátima Bezerra. Tive oportunidade de fazer uma experiência deste tipo, um microseminário, na Bahia, no dia 29 de março – aniversário de Salvador –, da qual Fernando Conceição também participou, bem como a prof^a. Maria Auxiliadora, uma das maiores estudiosas também da vida de Milton e parceira em seus estudos. Chegou a participar do último livro escrito por ele, com mais um estudioso, o prof. Rubens, também do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.

Na ocasião, debatemos o Milton para os baianos. Foi uma visão muito de baiano sobre o Milton. Temos agora a oportunidade de discutir esse tema aqui. Desde o início, fiz questão de que não houvesse apenas baianos na Mesa, para que pudéssemos conhecer a visão dos brasileiros sobre Milton Santos, a visão dos que pensam o Brasil, dos intelectuais, daqueles que atuam na universidade, seja na área de geografia, seja em outra área do conhecimento. Assim conheceremos a forma como pensam e veem Milton Santos.

Márcia Sant'Anna se posicionou aqui, representando o Ministério da Cultura. Temos o vício, a compulsão de nos colocarmos como baianos. Já começamos dizendo um pouco qual é o tipo de experiência, de vivência que tivemos, de alguma forma, com Milton Santos. Eu pude conviver rapidamente com Milton ainda nas hostes da luta contra a ditadura, quando da fundação do MDB da Bahia. Milton passou pelos institutos de discussão sobre o plano diretor da cidade, com outros intelectuais. Tratou da formação do programa de governo de Rômulo Almeida para a Bahia, do anticandidato Rômulo Almeida. Tivemos a oportunidade, depois, na-

quele processo de redemocratização, de contar com Milton Santos em nossos debates. Voltávamos da ditadura e trazíamos os intelectuais exilados para contribuir com os novos estudantes.

Na época, eu era presidente do DCE da Universidade Federal da Bahia e pude conviver um pouco com Milton Santos, por intermédio de Miltinho, seu filho, meu colega de universidade, embora adversários mortais no movimento estudantil, assim como de Zulu, meu querido amigo, que hoje está aqui. Mas tive a possibilidade e até a sorte de manter outro tipo de convivência com o Miltinho, já como meu secretário na administração de Salvador, onde pude então desfrutar de seu companheirismo, da sua solidariedade e, principalmente, de seu grande carinho. Acho que Miltinho tinha algo muito especial de seu pai, a extrema gentileza, a forma delicada e doce com que conseguiam comunicar-se com as pessoas.

Volto a dizer que, para mim, é uma grande honra poder conversar sobre Milton Santos e reafirmar o que disse há pouco para a Dra. Márcia – talvez mais um arquiteto fique contra mim, o Zulu: o urbanismo não pode ser matéria exclusiva dos arquitetos. Tem de haver a contribuição das ciências humanas como um todo ao urbanismo brasileiro. Não me considero urbanista, apenas alguém que igualmente tem paixão pelo espaço urbano, como qualquer outro profissional relacionado com a vida urbana, seja da economia, seja da sociologia, seja da geografia. Os profissionais dessas áreas podem dar grande contribuição, assim como os arquitetos e pensadores da arquitetura no Brasil.

Ainda assim, sou solidária ao movimento dos arquitetos para tornar a carreira independente da carreira dos engenheiros – desde que não haja exclusividade sobre o estudo do urbanismo.

Vamos começar a discussão sobre Milton Santos.

Veja que sou uma pessoa complicada, professora. Estão aqui dois ex-adversários ferrenhos. Um deles é o companheiro e amigo Fernando Conceição, um dos meus mais ferozes adversários na juventude, já fora do movimento estudantil, no início do movimento de organização dos bairros de Salvador. Fernando Conceição integrava o Movimento de Defesa dos Favelados, e eu, o Movimento contra a Carestia.

Fernando Costa da Conceição é também um brilhante jornalista baiano, muito polêmico, espirituoso, mas, acima de tudo, talentoso e comprometido com as causas que abraçou na vida.

Fernando é o biógrafo autorizado por Milton Santos para escrever sua biografia. Nessa condição, participa deste debate.

Com a palavra Fernando Conceição.

O SR. FERNANDO COSTA DA CONCEIÇÃO – Obrigado, deputada.

É uma honra atender ao convite da futura senadora Lídice da Mata.

Sobre a informação de que éramos adversários no período em que eu militava no movimento de favelas de Salvador, sim, éramos adversários, mas no mesmo campo ideológico. Tínhamos divergências. Eu era um jovem que estava querendo construir uma alternativa partidária – hoje, essa alternativa partidária encontra-se no comando da nação. Há muito tempo também fui expulso dessa alternativa partidária, que era o PT, o PT daquela época. Mas estávamos no mesmo campo, querendo o retorno da democracia e a ampliação dos direitos da cidadania em nosso país.

Fiz minha trajetória em uma favela de Salvador, mas acabei encontrando o prof. Milton Santos quando eu era estudante na Universidade de São Paulo e fazia meu mestrado na área de comunicação. Propus então a ele tornar pública sua vida, escrever sua biografia, já no final da década de 90, quando eu era ainda estudante na Universidade de São Paulo.

A minha participação neste evento é mais para contar a todos vocês a quantas anda a pesquisa em que busco levantar dados sobre a trajetória desse homem. Tenho-me a ela dedicado principalmente nos últimos três anos.

Da abertura deste evento até agora, tem sido muito enfatizado o fato de ele ter nascido no interior e ser baiano. Mas é bom destacar que, mesmo sendo baiano, Milton Santos, ao morrer, não quis ser enterrado na Bahia. Ele esteve fora da Bahia por cerca de quatorze anos. Quando vitorioso o golpe militar de 1964, ele esteve na leva dos primeiros presos pela ditadura. Por articulações de intelectuais franceses, principalmente geógrafos da Universidade de Toulouse, na França, consegui sair do Brasil, após um convite do governo francês que teria sido provocado por esses professores, que tinham conhecimento de Milton Santos devido a encontros internacionais de Geografia, dos quais ele participara, e ao fato de ele ter feito seu doutorado na França, na Universidade de Estrasburgo.

O governo francês então, provocado por esse grupo de geógrafos da Universidade de Toulouse, fez a solicitação ao governo militar do Brasil, que só liberou Milton Santos sob a condição de que ele embarcasse diretamente para a França, sob os auspícios do governo francês.

Milton Santos retornou ao Brasil 14 anos depois, após peregrinar pelo mundo, sem emprego fixo, sempre com contratos provisórios, e não apenas

nas universidades francesas. Primeiro, Toulouse, com contrato de 3 anos. Depois, Bordeaux e Sorbonne. Foi convidado para ir aos Estados Unidos trabalhar em grupos de pesquisa em Harvard e também no Canadá. Enfim, para sobreviver, participava de projetos. Trabalhou também na Venezuela, no México, na Costa Rica. Na Tanzânia, foi convidado por um grupo de geógrafos ingleses para criar a primeira universidade livre, na década de 70.

Ele não podia regressar ao Brasil para assumir a vaga de professor da Universidade Federal da Bahia, onde havia sido cassado pelo golpe militar de 1964.

Em 1978, ainda em plena ditadura, ano em que completaria cinquenta anos, decidiu enfrentar a realidade brasileira para ter seu segundo filho na Bahia – sua mulher estava grávida. Mas a Bahia também não o aceitou.

Louva-se o fato de ele ter nascido na Bahia, mas há de se dizer que ele foi um filho rejeitado da Bahia. Ele não foi bem quisto pelos que assumiram o poder no estado em 1964. Quando regressou, tentou retomar o seu lugar, e também foi rejeitado. Teve que peregrinar, receber apoio, ajuda de pessoas. Alunos sustentaram Milton Santos nesse período difícil de sua vida, em que tinha um filho recém-nascido para criar. Ex-alunos pagaram as contas dele, o aluguel dele.

Foi então para o Rio de Janeiro, a convite de uma professora amiga, também com contratos provisórios. Aos 54 anos, submeteu-se a um concurso da Universidade de São Paulo e foi aprovado. O sistema de administração da USP, na entrevista que se fazia, um psicoteste, creio, também o rejeitou, alegando que ele não tinha condições psíquicas de assumir a vaga para a qual havia sido vitorioso. Então, ele teve que travar uma batalha judicial para que a Universidade de São Paulo o contratasse como professor, onde permaneceu até morrer, em 21 de junho de 2001. Ele preferiu ser enterrado na capital São Paulo, cidade que lhe deu oportunidade para retomar o desenvolvimento de sua obra.

O fato de ele ter nascido em Brotas de Macaúbas me parece mera circunstância familiar. Ele somente nasceu naquela cidade da região da Chapada Diamantina, na Bahia, porque seus pais, que eram professores negros, tinham sido convidados, em 1925, embora fossem de Salvador, para dar aulas em Brotas de Macaúbas, uma zona distante do oeste baiano. Ele nasceu e ficou os primeiros anos ali, mas logo seus pais foram transferidos para Alcobaça, no sul da Bahia, onde de fato viveu sua primeira infância, até os dez anos de idade. Seus pais eram professores na escola pública estadual de Alcobaça. Até hoje há lembranças deles lá.

Milton Santos viveu ali até os dez anos de idade. Seus pais, rigorosos, introduziram-no nas primeiras letras do Latim e do Francês. Eram professores, portanto Milton aprendeu as primeiras letras e se alfabetizou com eles. Mas os senhores sabem que, naquela época, depois dos dez anos de idade, a pessoa, para seguir o curso, tinha de ir para a capital, que era o único lugar onde havia escola que admitia alunos que queriam progredir, queriam continuar estudando.

Então ele foi para Salvador sozinho, lá continuou seus estudos e se tornou, digamos assim, professor de Geografia, sem mesmo ter curso superior. Fez Direito na faculdade que depois se tornaria a Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia. Na época, essa faculdade era uma instituição privada. Ele terminou o curso de Direito, mas já dava aulas de Geografia, para o que se submeteu a concurso na Universidade Federal da Bahia, mas também não foi aceito – a UFBA estava sendo organizada no final da década de 40.

Ele não foi aceito porque sua área era o Direito. Travou novamente uma batalha judicial, que durou mais de dez anos, para poder ter o direito de se submeter ao concurso para lecionar Geografia. Por fim, o então Reitor Edgard Santos, que, na época, organizou a universidade da Bahia, teve que convidá-lo para dirigir uma área de pesquisa, o Instituto de Morfologia da Universidade Federal da Bahia, já que ele não podia assumir a cadeira de Geografia, por não ser geógrafo.

Ele foi admitido na Universidade Federal da Bahia ao regressar de Estrasburgo, tendo sido o primeiro negro doutor da Bahia – doutor no sentido de ter doutorado. Naquele período, o fato de um negro e neto de escravos ser doutor causou um tremendo impacto na pequena província, Salvador, e em seu entorno.

Ele foi convidado a assumir vários cargos, inclusive políticos. Milton Santos sempre foi um militante político e participou de eleições, tendo disputado vereanças em Salvador. Nunca foi vitorioso – dizem que, na verdade, ele gostava de disputar. É claro que ele queria ganhar, mas não se importava com o resultado. Ele sempre foi um homem alegre.

Esses são relatos de pessoas ainda vivas, que tenho entrevistado para produzir a biografia de Milton Santos. Tenho ido a todos esses lugares e, por exemplo, aos grupos de estudos para os quais ele colaborou na Europa – Estrasburgo, Paris, Toulouse, Bordeaux; na Espanha, Barcelona, Madrid, Salamanca; na Inglaterra, Londres, onde foi colaborador de um grupo da área de Geografia de esquerda. Publicava artigos

em algumas das revistas criadas pelos geógrafos de esquerda muito preocupados com essa Geografia meramente física e descritiva. Queria criar uma nova Geografia, ou uma Geografia nova.

Milton Santos esteve na África, aproveitando o período em que atuou na França, em Estrasburgo, para fazer o doutorado. O governo francês lhe deu uma bolsa. Ele fez sua primeira viagem à África em 1959. Há um livro dele em que descreve essa experiência de chegar à África. Soube pelo professor que o livro *Marianne em Preto e Branco*, que saiu em 1959, vai ser reeditado agora. *Marianne* é o símbolo da República Francesa. Ele relata no livro essa experiência em preto e branco, ou seja, na África e na Europa.

Nós estivemos recentemente na África, nesses locais onde ele esteve. Encontramos ainda geógrafos que interagiram com ele, pessoas já bem velhinhas, mas lúcidas. O ex-secretário-geral da Unesco, um senegalês – foi secretário da Unesco por mais de vinte anos –, concedeu-nos uma entrevista em julho do ano passado, em Dacar. Falou da importância de Milton Santos no entendimento dessa Geografia nova, da presença dos povos, dos pobres, dos imigrantes.

A contribuição de Milton Santos para essa área do conhecimento nos foi destacada por todas as personalidades, por todos os intelectuais europeus e africanos com os quais tivemos contato nesse último ano.

Nosso projeto de pesquisa deverá resultar na biografia de Milton Santos, que foi autorizada por ele. Pretendemos publicá-la quando se completarem os dez anos de sua morte, ou seja, no próximo ano, 2011. A nossa ideia é de que ela seja publicada entre junho e julho do próximo ano. Estamos na fase de realização da pesquisa de campo nas Américas, onde Milton Santos também esteve presente – Venezuela, Costa Rica, México, Estados Unidos e Canadá.

Esse trabalho que estamos fazendo na Universidade Federal da Bahia – coordeno um grupo de pesquisa ligado ao CNPq, o Grupo de Pesquisa Permanecer Milton Santos – tem sido realizado com o apoio tanto do CNPq quanto da Capes. A Fundação Capes concedeu-nos uma bolsa no ano passado para que pudéssemos fazer esse trabalho na Europa e na África. Neste momento, estamos tentando articular também recursos junto às fundações de fomento à pesquisa ou a fundações de apoio a projetos culturais, para completar essa fase do estudo, que visa a levantar dados e informações sobre a vida e a obra de Milton Santos nas Américas, principalmente no Brasil.

O nosso compromisso é oferecer às novas gerações e também a nós, que aqui estamos, esse trabalho, para que a memória de Milton Santos permaneça, porque isso é bom para o Brasil. Ele sempre foi um homem que lutou pela ampliação da democracia e fez opção preferencial pelos pobres, antes da Teologia da Libertação fazê-lo. Era um marxista não ortodoxo. Sofreu grande influência do marxismo, principalmente do mestre dele em Estrasburgo, o prof. Tricart.

Toda a obra dele, que pode ser sintetizada para o grande público neste livro que o prof. Aldo certamente apresentará, *Por uma outra Globalização*, na verdade é um discurso político a favor dos “de baixo”, sem excluir as demais camadas da população.

Trata-se não somente de um negro, mas de um homem que se sentia como negro e pensava como um intelectual do mundo, independentemente da cor da pele dele.

Muito obrigado.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Lídice da Mata) – Obrigada, Fernando, por sua exposição, em que, conforme o roteiro do seminário, tratou do tema *Milton Santos: O homem e o intelectual*.

Apesar da brincadeira que fiz, quero dizer que conheço o Fernando e sei que foi uma das lideranças populares mais importantes da nossa geração. Com sua experiência comunitária, construiu uma experiência educacional inovadora no seu bairro, com outros jovens lutadores, a Escola Aberta do Calabar – o nome dessa comunidade é Calabar. Tem tudo a ver com aquilo por que lutávamos e que pensávamos.

Para falar sobre o Tema 2, *A obra revolucionária de Milton Santos – teoria geográfica, globalização e Terceiro Mundo*, vou passar a palavra ao prof. Aldo Aloísio Dantas, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. O prof. Aldo tem mestrado e doutorado em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP) e estágio doutoral em Paris.

Estamos tentando determinar o tempo das exposições em cerca de 15 minutos, mas, claro, teremos toda a disposição de ouvir mais os nossos convidados, se necessário. A limitação do tempo visa apenas a dar a todos a oportunidade de falar.

O SR. ALDO ALOISIO DANTAS – Boa tarde a todos os presentes.

Eu queria, antes de começar a minha fala, agradecer o convite que me foi feito pela deputada Lídice da Mata.

A senhora não sabe, mas eu não fui um dos seus ferrenhos adversários. Quando comecei a militar no movimento estudantil, na Bahia – eu era da Viração –, a senhora já despontava como uma das lideranças da Bahia. Eu fui para o Rio Grande do Norte, onde moro hoje, e tenho orgulho de ser conterrâneo de Milton Santos e de ser nordestino duas vezes e brasileiro.

Só com base no que já foi dito aqui sobre o prof. Milton, eu jáalaria muito, mas me pediram para abordar um tema que engloba um outro conjunto de coisas sobre as quais tenho vontade de sair falando.

O prof. Milton tinha a característica muito peculiar de ser radical no seu pensamento. Ele sempre se dizia um militante de ideias. Nesse sentido, ele foi mais que um militante de ideias. Achava que, na política, é preciso fazer algumas concessões, o que um militante de ideias não pode fazer.

Era um homem cheio de paradoxos. O prof. Milton quis ser enterrado em São Paulo, mas São Paulo, assim como a Bahia, não o aceitou. A USP até hoje não fez jus ao grande homem, ao grande geógrafo que foi Milton Santos. Isso é preciso ser dito com todas as letras. Um pouco antes de morrer, ele foi à USP e foi hostilizado! É preciso que se diga isso. É preciso que tenhamos bastante clareza disso. É uma pena que a prof^a. Maria Adélia não possa ter vindo a este encontro, porque ela foi, sem dúvida, a maior companheira intelectual, amiga de Milton Santos. Foi quem arrumou emprego para ele, porque não foi aceito na Bahia, no Rio de Janeiro nem em São Paulo. Foi uma dificuldade muito grande para o prof. Milton Santos ser aceito na Universidade de São Paulo.

Bom, só isso daria muito o que falar, mas a minha intervenção não vai privilegiar esses aspectos. Eu fui convidado para abordar este tema: *A obra revolucionária de Milton Santos – teoria geográfica, globalização e Terceiro Mundo*.

Gostaria de dizer que, para mim, é um orgulho muito grande estar na Câmara dos Deputados para falar desse grande mestre, desse grande homem, sem dúvida o maior geógrafo brasileiro – não só um brasileiro, mas um pensador do Sul.

Sem sombra de dúvida, podemos colocar o prof. Milton Santos, que faz uma interpretação do Brasil e do mundo através do território, ao lado de Florestan Fernandes, que faz uma interpretação da sociedade brasileira; de Celso Furtado, que faz uma interpretação do Brasil a partir da economia; e de Darcy Ribeiro, que faz uma interpretação do povo brasileiro.

Quero dizer outra coisa, antes de começar minha exposição propriamente dita: no ano que vem faz dez anos da morte do prof. Milton Santos. No ano passado eu fiz um seminário grande na Universidade Federal do Rio Grande do Norte e seguramente faremos de novo uma homenagem a ele – não tão grande, porque não conseguimos, em razão dos recursos, fazer sempre grandes seminários –, e todos os senhores estão convidados.

Bom, antes de fazer uma interpretação da obra do Milton, eu queria deixar ele falar um pouco, se os senhores me permitirem.

Em entrevista concedida em 2001 aos jornalistas Carlos Tibúrcio e Sílvio Caccia Bava sobre os problemas urbanos, com os quais estamos estarecidos hoje, e sobre o urbanismo, os jornalistas perguntaram a ele como sair daquela situação, que já era complicada em 2001. E o prof. Milton respondeu:

Estudando. Porque eu acho que na área de planejamento urbano, planejamento das cidades em geral, há um conjunto de preconceitos que impedem de pensar. Eu não sei como convencer um administrador a estimular as pessoas a pensarem. Um prefeito teria de ter dois organismos de estudos diferentes. Teria de ter um organismo como a Secretaria de Planejamento (Sempla), por exemplo – para o dia a dia, o feijão com arroz –, e um grupo de pessoas que pensasse independentemente da Sempla.

Ou seja, um grupo de pessoas que pensasse de forma independente das necessidades correntes da administração. É uma decisão difícil, mas necessária.

E prossegue:

Se rompêssemos com essa visão da cidade como um dado independente da dinâmica territorial, isso nos levaria a uma outra visão dos problemas, inclusive da construção da política e da Federação. As questões urbanísticas se fazem independentes, tanto que os modelos atuais, hegemônicos, são estrangeiros, de um modo geral. Eles são importados, assim como são importados os pensadores estrangeiros que vêm aqui dizer que devemos fazer assim, devemos fazer assado.

No Brasil, como na América Latina, e hoje na África e na Ásia, a urbanização se dá em uma velocidade que nunca houve na Europa. E nós adotamos um modelo de uma evolução lenta, gradual, domesticada pela eficiência da cidadania, exemplos que copiamos tranquilamente como se a realidade brasileira não fosse trepidante, de cidades sem cidadãos. Tudo isso vem também de um déficit de análise. Continuamos adotando modelos estrangeiros e mesmo dentro da esquerda há um bom número de administradores que tomam exemplos estrangeiros e os aplicam servilmente, tranquilamente, sem a crítica das esquerdas.

Eu deixei o nosso homenageado falar, primeiro para lhe fazer uma homenagem mesmo, e, segundo, porque tudo o que vou dizer daqui para frente está permeado por esse pensamento.

Para poder se inserir no horizonte mesmo de considerações dos problemas científicos – em nosso caso, aqueles da Geografia, da ciência geográfica – cada pensador precisa, inicialmente, redimensionar a própria origem do pensamento. Precisa estabelecer novas demarcações, definir espaços alternativos de tratamento de questões, reordenar conceitos e compreensões, estabelecer modos diversos de expressão e se inserir de maneira particular no rico diálogo com a tradição.

Tudo isso somente é possível se o pensador trazer consigo o horizonte interpretativo próprio que abre caminho para tal empreendimento.

Desse modo, o que nós vamos falar agora começa com a pergunta sobre o horizonte primordial do pensamento de Milton Santos.

O primordial do pensamento do Milton é que ele consegue ser criativo ao rever e propor uma nova teoria geográfica de análise social.

A primeira coisa que ele sempre teve em mente e que perpassa toda a sua obra é a ideia de produzir uma teoria do espaço geográfico. A outra é o mundo visto a partir do Sul, o que implica a não oposição e a não comparação excessiva.

Sobre o primeiro ponto eu não vou falar agora, pois considero que seja mais papo para geógrafos. Se esta fosse uma discussão apenas de geógrafos, eu entraria na discussão da teoria do espaço. Ele dizia que o espaço é um conjunto indissociável e contraditório de sistemas de

objetos e sistemas de ações. Se alguém na discussão quiser que nos alonguemos um pouco sobre isso, nós podemos falar.

Acerca da segunda questão, Milton se perguntava sobre a oposição entre o desenvolvido e o subdesenvolvido. Ele dizia que essa oposição tem por postulado que o Terceiro Mundo é um mundo em desenvolvimento, ou seja, que está numa situação de transição para o que hoje são os países desenvolvidos.

Isto é algo que aparece nos livros didáticos. Como estamos na Comissão de Educação, acho bom dizer que seria interessante revermos nossos livros didáticos. Nós aprendemos que o Brasil é um País que está em processo de chegada ao Primeiro Mundo. Essa é uma afirmação que o Milton combatia ferrenhamente. Daqui a pouco eu vou tentar mostrar um pouco por quê.

Não se trata, dizia o Milton, de um mundo em desenvolvimento, mas de um mundo subdesenvolvido, com suas características próprias e seus mecanismos fundamentais que seria necessário serem demonstrados. Então, o prof. Milton insistia em que precisávamos ter o Brasil como exemplo: os maus exemplos não deveriam ser seguidos, e os bons deveriam ser adotados.

O prof. Milton insistia na ideia de que não adianta pensarmos que o Brasil é a França pequenininha ou os Estados Unidos pequenininho. São outros mecanismos que nos movem, e nesse sentido a teoria do professor era revolucionária: ele não admitia que continuássemos a analisar um País como o Brasil, com as suas características, dessa forma. E lançou, no início da década de 70, o livro intitulado *O Espaço Dividido*, publicado primeiro na França, onde ele discutiu a questão do setor terciário da economia, tentando fazer uma interpretação original dos países do Terceiro Mundo.

Agora, para termos uma ideia do que eu estou falando, para tentarmos entender o prof. Milton, eu trouxe aquelas metáforas. Eu faço isso porque os alunos, quando eu falo disso, têm dificuldade para entender, e quem não é geógrafo, às vezes, também tem.

O que é basicamente que o prof. Milton Santos estava dizendo? Eu uso isso sempre como metáfora. Ali estão dois ovos, um dizendo: "*Como somos iguais!*". O outro: "*Como somos diferentes!*"

Aquilo é o ovo de uma galinha. Isso é o que eu chamo de teoria do pato e da galinha: ovos muito semelhantes podem dar bichos completamente diferentes. É como se analisássemos o Brasil e a França e dis-

séssemos: “*Olha, daqui a uns dias nós vamos ser como isso aqui*”. E, na verdade, o que existe ali dentro é um pato, e no outro, uma galinha.

Há outra alegoria que eu uso muito com meus alunos: a do diamante e o grafite. Por serem de carbono, achamos que são a mesma coisa, e são coisas completamente diferentes.

Isso, sem dúvida nenhuma, está no cerne da discussão e da rejeição que o prof. Milton fazia. Não se trata de uma xenofobia. O prof. Milton foi um grande pensador, um grande estudioso – como já foi dito aqui – de Marx, principalmente de Ortega y Gasset, seu filósofo preferido; de Sartre, que é outro grande filósofo que orienta as suas pesquisas e o seu pensamento. Se tem uma coisa que podemos dizer que aparece na obra do prof. Milton em todos os momentos é essa necessidade de mostrar como são necessários os mecanismos que nos são próprios. Não adianta fazermos comparações excessivas. Os mecanismos são nossos, são mecanismos próprios. São esses mecanismos que devemos entender para propor soluções para o Brasil. Nessa fala dele que acabei de ler, ele está colocando isso. Temos uma urbanização que é muito mais galopante. Nos livros didáticos aparece aquela ideia de que temos que ser inchados. Por que se diz que a nossa urbanização é doente? É porque a sã é a europeia? Isso é uma coisa extremamente complicada. Se temos algum tipo de doença, não é na Europa que vamos buscar as causas dessa doença, porque a Europa também tem suas doenças próprias, que são diversas das nossas. E temos a mania de achar que não há problemas na Europa, nos Estados Unidos. Lá são problemas de outra ordem.

Nós achamos que lá não tem violência. Claro que tem violência! A crise não é uma violência? Pessoas que saem atirando em escolas matando dez, vinte, trinta, quarenta, cinquenta crianças, que é uma coisa que comumente não vemos no Brasil, não é um tipo de violência? Então haveríamos de dar conta, através do território, através dos lugares. É isso que o prof. Milton Santos sempre reclamava. O geógrafo fica lá no canto. E acho até que faz um certo sentido, porque ficamos, às vezes, contando quantas montanhas havia no Brasil, qual era a margem direita, a margem esquerda, quantos metros tinha o Rio Amazonas, e deixamos o barco passar. Mas acho que está na hora de os geógrafos retomarem essa questão. Essa chamada da Câmara dos Deputados é extremamente interessante – e para isso o prof. Milton Santos contribui sem dúvida nenhuma – pois coloca à discussão a Geografia, o território, os lugares. É preciso deixar de fazer planejamento setorial. Não adianta

ficar apagando incêndio. Era nisso que o prof. Milton Santos insistia. Temos que dar conta dos lugares, e os lugares não são setoriais, mas complexos. Temos que vê-los nas sua complexidade. Essa é a sua teoria revolucionária.

Falar do livro *Por uma outra globalização* levaria o mesmo tempo que já falei. Então vou só pontuar a questão da globalização. O que vocês estão vendo é uma análise que faço do Rio Grande do Norte a partir das ideias do prof. Milton. Temos uma região no Rio Grande do Norte que insiste em ter bons índices, mesmo quando todos os economistas dizem que elas estão em decadência econômica. E as que estão se levantando economicamente têm os piores índices. A gente não se dá conta disso, e só o território é capaz de mostrar esse tipo de coisa. Não vou-me deter nisso.

Por uma outra globalização. O prof. Milton escreveu esse livro para ser lido por todos, não só pelos geógrafos. A minha grande amiga prof^a. Maria Laura, uma grande geógrafa brasileira nascida na Argentina, e também uma das grandes amigas do prof. Milton Santos, escreveu junto com ele o último livro que ele publicou. Dizia ela que *Por uma outra globalização*, na verdade, era um belíssimo tratado de ética contemporânea.

O prof. Milton dizia que essa globalização, na verdade, se apresentava com três aspectos: um era o mundo da fábula, da fabulação. O outro era o mundo real ou da perversidade. O outro ele analisava como o das possibilidades.

No debate podemos aprofundar. Eu não vou cansar vocês com relação a isso.

A próxima é uma questão também da globalização. Retomaremos na hora da discussão.

Para finalizar, eu gostaria de retomar o pensamento do Milton Santos.

Há uma citação da prof^a. Maria da Conceição Tavares no livro *Por uma outra globalização*, mas eu preferiria deixar para depois. Eu estava vindo no avião lendo algumas coisas do Milton e pensei de encerrar com o próprio Milton, porque, afinal de contas, ele é o maior homenageado. Então podemos deixar para depois essa finalização. Deem uma lida na prof^a. Maria da Conceição Tavares.

Falando sobre o período atual, Milton dizia que esse mundo é perverso, cria carências, cria ignorância. E ele dizia: “A ignorância é fundamental”. O mundo de hoje cria, a cada dia, novos ignorantes e essa é a beleza do mundo atual. É essa ignorância bendita que permite a vontade de descobrir. Nas cidades os pobres encarnam essa ignorância bendita e a

eles cabe descobrir. Os ricos, os bem-dotados, cevados no seu conforto, acostumados às ideias que mantêm esse conforto, não podem pensar, porque pensar é mudar.

Muito obrigado.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Lídice da Mata) – Muito obrigada, prof. Aldo.

Vamos passar agora ao terceiro tema previsto no seminário, que é *Natureza na obra de Milton Santos*.

Eu vou passar a palavra à prof^a. Marília Luíza Peluso, professora-chefe do Departamento de Geografia da UnB, graduada em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina, com especialização em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília, com mestrado em Arquitetura e Urbanismo pela UnB e doutorado em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atualmente é professora adjunta da Universidade de Brasília. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Humana, atuando principalmente nos temas de habitação, representações sociais e espaços.

Com a palavra prof^a. Marília Luíza Peluso.

A SRA. MARÍLIA LUÍZA PELUSO – Boa tarde. Eu agradeço à prezada deputada Lídice da Mata a oportunidade de estar presente aqui neste evento em que se vai falar sobre Milton Santos, uma referência para a geografia brasileira e internacional.

Eu agradeço também o convite dos baianos, já que eu sou catariense. Eu vou chamar a atenção justamente para essa parte nacional e internacional do Milton Santos. Mas sempre é um agradecimento que eu gostaria de deixar feito.

Também aos meus alunos – vejo muitos aqui presentes –, que me ajudaram a pensar a obra de Milton Santos, que eu sempre retomo nas minhas aulas, principalmente na última turma, na qual eu abri um tempo longo para discutir essa obra.

Devo dizer que é um grande prazer estar aqui falando sobre Milton Santos, mas também é um grande desafio, porque ele tem um pensamento muito complexo, porque há inúmeras vezes que se cruzam nos seus escritos. Então, nessa complexidade toda, nós temos que escolher alguma coisa. Eu optei justamente por apresentar uma pequena nota sobre isso, sobre o conceito de natureza em Milton Santos. Por que natureza? Porque a natureza é um conceito-chave em Geografia, que

consta dos primeiros geógrafos, que buscaram sistematizar a nossa área de estudos, cuja discussão não terminou até hoje. Ela origina várias discussões, polêmicas e tudo o mais.

Então, a ideia é de que os geógrafos superem esses conflitos. Mas eu acho que não; esses conflitos são seminiais, são importantes. São esses conflitos que nos fazem discutir e que nos fazem superar nossas limitações.

Também devo dizer que há muita subjetividade no que vou desenvolver. Ao contrário do que prescrevia o mestre Milton Santos, quando escreveu *O Estado – Nação Como Espaço, Totalidade e Método*, que, entretanto, no nível mais próximo do pesquisador, aumenta as possibilidades de erro na escolha das variáveis pelo risco de subjetivação.

Entretanto, o que se pode fazer? Apesar da busca pela objetividade, sempre caímos na armadilha da escolha das variáveis.

Fiz as observações acima mais ou menos para mostrar como pretendo interpretar a obra de Milton Santos. Essa minha interpretação sobre a natureza eu gostaria que seguisse dois caminhos: no primeiro, a historicidade da natureza; e, no segundo, o conhecimento da natureza como expressão da razão.

Sobre a historicidade da natureza, em artigo de 1982, na coletânea *Novos Rumos da Geografia Brasileira*, Milton Santos escreve sobre a contribuição do marxismo para os novos tempos geográficos e enfatiza:

Esse instrumental crítico somente pode provir de um conhecimento abalizado das categorias e de um domínio igualmente assentado na história, sobretudo dos seus dados presentes. Fora daí, o risco é grande de chegar a conclusões que afastam do real em vez de permitir sua interpretação.

Nessa frase, creio eu, encontram-se duas vertentes muito importantes: primeira, o conhecimento assentado na história. E o conhecimento como interpretação do real. Se o conhecimento é assentado na história, o conhecimento da natureza também é assentado na história; se o conhecimento é a interpretação do real, a natureza deve ser entendida dentro do real total do presente.

Para tanto, os conceitos não devem ser congelados. E aí, citando Milton Santos, é indispensável levar em conta as novas condições históricas, tanto

as infraestruturais quanto à supraestruturais. Assim eu pergunto se é a própria natureza que muda ou se é o seu conceito que se altera.

Eu posso responder com razoável grau de certeza que, para Milton Santos, o que a natureza é depende de sua posição como elemento da totalidade parcial dinâmica e de sua relação com os outros elementos. Escreve Milton Santos:

O que nos interessa é o fato de que, a cada momento histórico, cada elemento muda o seu papel e a sua posição no sistema temporal e no sistema espacial, e a cada momento, o valor de cada qual deve ser tomado da sua relação com os demais elementos do todo.

Falar da historicidade da natureza não é lembrar sempre de que nos encontramos frente a uma segunda natureza configurada pela sociedade. Eu acho que podemos tratar disso, mas de um pouco mais. E apesar do pouco tempo, eu acho que vale a pena explorar esse aspecto e que se deve levar em consideração a interação e a interdependência entre os elementos componentes do espaço, como faz Milton Santos, por exemplo, em 1995, citando apenas um dentre os muitos trabalhos dele:

Nesse momento, a natureza não é mais meio natural, mas o conjunto de complexos territoriais que constituem a base física do trabalho humano. E os elementos do espaço são vistos pela ótica do trabalho e da produção para os quais a natureza é um suporte num período técnico científico.

Se a natureza só pode ser compreendida dentro do total real do presente, como diz Milton Santos – a história é o hoje de cada atualidade – não significa que ela também não tenha uma história, mas sempre dentro desse espaço temporalidade humana.

É o que Santos chama de sistemas de natureza sucessivos, que se sucedem desde quando o homem retirava do ambiente aquilo de que necessitava até a sua transformação em natureza social no período técnico-científico-informacional. Temos, então, nesses sistemas a passagem de uma natureza natural à natureza objeto artificial. Em nosso mundo, se estabelece, por isso, um novo sistema da natureza, um sistema e uma natureza que conhece o ápice da sua desnaturalização.

Em 1997, Santos retoma a estoicidade da natureza, mostrando o antes e o agora, e, no agora, uma natureza transformada em objeto. No princípio, diz ele, tudo eram coisas; enquanto hoje, tudo tende a ser objeto, já que as próprias coisas e dádivas da natureza, quando utilizadas pelos homens, a partir de um conjunto de intenções sociais, passam também a ser objetos.

Assim, a natureza se transforma em um verdadeiro sistema de objetos, e não mais de coisas, o que completa o processo de desnaturalização da natureza, dando a esta última um valor. Ou seja, a natureza foi transformada em recurso, como ele escreveu em vários momentos, e, como tal, é divisível, transformável e monetarizada. Ela mudou sua posição no sistema temporal e no sistema espacial e sua relação com o sistema. Agora não é mais o de proporcionar dádivas para satisfazer as necessidades humanas, mas, tomada pela técnica e pela divisão do trabalho, é um recurso do processo de produção e um momento dos tempos dos modos de produção.

Então, eu fiz uma pergunta se é a natureza que muda ou se é o seu conceito. Creio que fui respondendo ao longo do texto, mas gostaria de terminar esta parte com a última transformação da natureza em segunda natureza.

Uma determinada leitura de Milton Santos, como a que estou fazendo agora, permite dizer que talvez seja a própria natureza que mudou desde os tempos primordiais, que jamais conheceremos, até o período urbano atual, em que a cidade é o lugar mais perfeito do predomínio das técnicas.

Santos escreve que a antiga distinção entre a primeira natureza e a segunda natureza deve ser flexibilizada, pois a natureza já modificada pelo homem é também a primeira natureza, visto que a produção não é mais ação do trabalho sobre a natureza, mas do trabalho sobre o trabalho.

Pode-se dizer, então, que, se o papel muda, o elemento da totalidade do sistema também já não é mais o mesmo. Não quero, porém, concluir taxativamente. Deixarei essa resposta em aberto para que se façam reflexões sobre a coisa em si, a natureza, ou o seu valor, a natureza para o modo de produção.

A outra questão que eu gostaria de trazer é a maneira como Milton Santos trata da razão quando ele pensa a natureza. Aqui, as categorias-chave são ideologia e símbolo.

Foram somente três livros que eu utilizei, porque o tempo é pouco. Mas eu poderia dizer que neles, ideologia e símbolo, passando de 1982

até 1996, com o livro *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*, eu diria que a impressão que se tem é que a ideologia e os símbolos são os mesmos ao longo dessas duas décadas. Mas, na realidade, parece-me que são coisas diferentes.

Em 1982, Milton Santos aborda a ideologia e o símbolo como encobridores da realidade, com uma aparência que dificulta e ao mesmo tempo impede conhecer à verdade a essência. Para ele, o objeto possui duas faces: a verdadeira, que não se entrega facilmente ao observador, e a face visível, moldada pela ideologia. Conhecer, então, é encontrar a essência sobre as aparências, encontrar a face oculta do objeto.

E, mais adiante, quando ele discute a arquitetura funcional da Bauhaus, em 1982, ele a chama de arquitetura de “*mass media*, prenhe de intencionalidades e de simbolismos”.

Portanto, “desfetichizar” o homem e o espaço é arrancar à Natureza os símbolos que ocultam a sua verdade.

No segundo livro, em 1986, Milton Santos não desistiu de buscar a verdade – Milton Santos considera a razão como o caminho para conhecer a verdade – e de conhecer o real concreto em toda a sua plenitude. Mas agora a ideologia e o símbolo passam a fazer parte da realidade e não mais a escondê-la, ou talvez exatamente por escondê-la e talvez exatamente para escondê-la.

Santos não desacredita na razão, mas ela não é mais a razão iluminista e filosófica que permite compreender o mundo, mas uma razão domada, que produz uma racionalidade conforme os fins e os meios, obedientes à razão do instrumento, à razão formalizada, ação debelada por outros, informação por outros.

Em 1982, ideologia e símbolo estavam fora da realidade. E procuravam “fetichizá-los”. Em 1996 diz ele: “A ideologia produz símbolos criados para fazer parte da vida real, e que frequentemente tomam a forma de objetos”.

A ideologia é, ao mesmo tempo, um dado da essência, um dado da existência nesse fim de século XX. É a razão hegemônica das técnicas, a razão universal imposta pela globalização, a razão que transforma sempre a natureza em segunda natureza, continuamente subjugada pelo modo de produzir que tudo domina, homens e natureza.

Mais dialeticamente, a mesma razão instrumental produz uma contrarrazão. Objetivamente, pode-se dizer que, a partir dessa racionalidade hegemônica, instalam-se, paralelamente, contrarracionalidades.

Dialeticamente também a razão deslocou-se para a periferia, para a contrarracionalidade dos pobres, dos migrantes, dos excluídos, das minorias. De um ponto de vista econômico entre as atividades marginais, tradicional ou recentemente marginalizadas, e de um ponto de vista geográfico das áreas menos modernas e mais opacas, tornadas irracionais pelos usos econômicos, a razão deslocou-se para outras formas de racionalidade – racionalidades paralelas, divergentes e convergentes ao mesmo tempo.

Então, para terminar, pergunto se ainda se pode conhecer a Natureza como elemento do real concreto em toda a sua realidade e concretude ou se só podemos conhecê-la pela ideologia e símbolo como recurso e meio desumanizado em que ela se transformou. Acredito que nós devemos trazer sempre essas contrarracionalidades para podermos, enfim, conhecer a Natureza e a razão.

Muito obrigada.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Lídice da Mata) – Agradecemos à prof^a. Marília pela contribuição ao nosso debate.

Para dar prosseguimento à reflexão sobre o pensamento de Milton Santos, convido o prof. Rafael Sânzio Araújo dos Anjos e o nosso querido companheiro Zulu Araújo.

O SR. RAFAEL SÂNZIO ARAÚJO DOS ANJOS – Uma palavra de agradecimento a minha prefeita de Salvador, Lídice da Mata, porque a semente da geografia que pratico teve oportunidade na sua gestão.

Foi no Centro de Estudos Afro-orientais – eu era estudante de Geografia – que consegui ajudar na primeira formação de educadores da disciplina de Introdução aos Estudos Africanos, que tinha três ciências básicas: Geografia da África, Antropologia da África e História da África. Pude colaborar nesse momento histórico. É um dos primeiros municípios, senão o primeiro, em que hoje vemos uma lei nacional que nos permite, em todos os níveis de ensino, introduzir a matriz africana.

Então, a deputada Lídice da Mata tem uma importância muito grande na minha formação, na minha possibilidade de praticar uma geografia em que acredito e que tem substância no mestre, pois vivemos um momento histórico de poucos mestres.

O mestre Milton Santos é a ponta de uma linha que está em extinção. Há poucos mestres para pedirmos apoio, para pedirmos uma teoria, para pedirmos “colo”. “Onde estou? Para onde vou?” O velho mestre nos dá esse suporte. Ele destampou uma panela para pelo menos um século de

pesquisa. É como um PRVG, é pesquisa para 200 anos. Nós estamos com a limitação dessa interpretação. O mestre Milton Santos não é de uma interpretação, é de várias. Somos, porquanto seres humanos, limitados. Como acompanhar um homem que ia além? Acho que ele era daqueles seres que tinha um terceiro olho e enxergava um pouco mais.

Eu admiro os homens e mulheres que conseguem enxergar um pouco mais nesse sistema que nos limita. Esse sistema é muito limitado. E nos limita cada vez mais, robotiza a universidade, que está em risco. A pesquisa está em risco. O futuro está em risco. Um país sem pesquisa é como um tiro no pé. Ninguém ganha, é um atraso. Ou investimos em pesquisa ou não vamos nos conhecer efetivamente.

Esse papel debatedor é complexo. Tudo que foi dito aqui procede. Nós fizemos, no ano retrasado, em 2008, um livro que, em parte, é uma homenagem ao mestre Milton Santos e a outro mestre em que a Geografia se apoia, Gerardo Mercator, do século XVI, o homem que criou, com sua família, o mapa que iniciou a globalização.

No século XVI, no além-mar, nos encontros de culturas, o mestre Milton Santos, como a ponta da linha, explicou o que são cinco séculos de encontros de dinâmicas nesse mundo. Gerardo Mercator e Milton Santos estão nesse livro.

Gostei do que disseram o prof. Aldo, a prof^a. Marília e o representante oficial da biografia – é muita responsabilidade, uma coisa grandiosa, para poucos.

Vou ler aqui três citações que dizem muito do velho mestre e que parecem vivas em tudo que fazemos hoje nos dois grandes projetos estruturais que conduzimos na Geografia da UnB: Projeto Geografia Afro-brasileira e Projeto Dinâmica Territorial.

Primeira citação – peço licença para ler o que o mestre escreveu em 2003:

O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida sobre as quais ele influi.

Sobre a globalização, duas citações dizem, para mim, quase tudo.

Primeira:

O espaço se globaliza, mas não é mundial, como um todo, senão como metáfora. Todos os lugares são mundiais. Não há espaço mundial. Quem se globaliza mesmo são as pessoas e os lugares. No mundo globalizado, o espaço geográfico ganha novos contornos, novas características, novas definições.

O mestre escreveu isso em 1997 e 2003.

Para mim, há escritos que não precisam ser reescritos. Muito do que o mestre Milton Santos escreveu – sinto-me pleno por simplesmente pedir autorização formal para citar o que ele escreveu porque tamanha é a verdade, tamanha é a força do seu escrito que continua muito vivo e representativo – não temos que reescrever. É importante citar, relembrar o que já está feito. Apenas podemos avançar um pouco na interpretação.

Sobre o fenômeno humano, ele diz:

O fenômeno humano é dinâmico e a força da revelação desse dinamismo está exatamente na transformação qualitativa e quantitativa do espaço habitado.

Para fechar, em 1982 ele escreveu o seguinte: “O espaço é a acumulação desigual dos tempos”.

Obrigado por esta oportunidade.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Lídice da Mata) – Obrigada, prof. Rafael. Eu não sabia desse nosso encontro no passado, mas fico muito grata por essa revelação para que possamos também ter a dimensão de tudo o que fizemos.

Com a palavra o Sr. Zulu Araújo.

O SR. ZULU ARAÚJO – Boa tarde a todos, aos meus companheiros de Mesa, prof. Aldo, prof. Fernando Conceição, prof^a. Marília, prof. Rafael Sânzio e a deputada Lídice da Mata.

Em primeiro lugar, gostaria de parabenizar a deputada Lídice da Mata pela iniciativa e pelo convite para estar aqui e dizer que também sou baiano. A exemplo de Zezé, sou arquiteto e fui adversário dela na juventude.

É um pouco a partir desse referencial que gostaria de fazer alguns pequenos comentários sobre como tive acesso, como conheci um pouco –

digo “um pouco” porque não sou especialista, não sou estudioso – a obra do Milton Santos. E foi também por ser baiano que fui influenciado por seu trabalho.

Conheci a obra de Milton Santos por meio de uma pessoa na Universidade Federal da Bahia, no período de militância estudantil, e por meio da minha militância política. Na Universidade Federal da Bahia, fui contemporâneo de Miltoninho, Milton Santos Filho, filho de Milton Santos. Ele era da Escola de Economia e eu, da Escola de Arquitetura. Ele era colega de Lídice da Mata. Era de um grupo chamado Liberdade e Luta, um grupo muito aguerrido da década de 70. A deputada era do grupo Viração, um apelido dado ao glorioso Partido Comunista do Brasil. E eu era da reforma, um grupo chamado na Bahia de Sangue Novo, que era como também se chamava o pessoal do “partidão”. Estávamos todos, portanto, devidamente incorporados às correntes políticas naquele período da Universidade Federal da Bahia.

E foi Miltoninho quem me chamou a atenção para o que o pai dele dizia – ele ainda não estava na cidade de Salvador. Houve um fato na Bahia naquele período, em 1975 ou 1976: pela primeira vez na história da Universidade Federal da Bahia, houve três candidatos negros à Presidência do DCE: Valdélino Silva, pelo Viração, que cursava sociologia; Milton Santos Filho, pelo Liberdade e Luta; e Zulu Araújo, pelo Sangue Novo.

Ele me chamou a atenção para esse fato porque na Universidade Federal da Bahia, na Escola de Arquitetura, por exemplo, que tinha 600 alunos, dois ou três eram negros.

Certa vez fui fazer uma fala num anfiteatro da Faculdade de Medicina e praticamente fui expulso de lá. Lá de baixo, um dos estudantes disse que eu estava atrapalhando a aula, que lugar de preto era na cozinha, não no curso de Medicina. Isso aconteceu em 1974, 1975. Foi muito chocante. E conversávamos sobre a necessidade de reagirmos àquilo. Na ocasião, o Milton Santos Filho me deu um estudo de seu pai sobre a presença do negro na sociedade brasileira, em que negava exatamente o que depois veio a ser a minha opção, mas que foi muito marcante para que eu pudesse entender um pouco porque não necessariamente eu teria de seguir o caminho tradicional do que se considerava originário às lideranças do movimento negro. Porque eu, naquela época, não correspondia ao padrão da universidade, nem do movimento negro.

Eu não correspondia ao padrão da universidade porque era preto, pobre e fazia Arquitetura, uma profissão que sempre foi, evidentemente, da

elite brasileira, particularmente na Bahia. De outro lado, eu não correspondia ao padrão do movimento negro porque não pertencia a nenhum bloco afro, não era do candomblé nem de qualquer dos grupos clássicos que havia no movimento negro, tanto que várias lideranças do movimento negro consideravam que eu havia escolhido uma profissão de branco.

E, quanto a essa minha dificuldade de enquadramento, o prof. Milton Santos conseguiu me dar tranquilidade espiritual. Tem um pouco a ver com o que o Fernando Conceição disse anteriormente: que não precisava dizer que era negro, muito menos colocar-se na condição exclusivamente de negro para poder atuar, pensar e agir. Lá se vão mais de 30 anos.

Outra pessoa foi o deputado Fernando Santana, hoje com 95 anos de idade, um grande admirador de Milton Santos, contemporâneo seu, inclusive nas agruras que passaram juntos em 64. Fernando Santana me deu de presente o primeiro livro de Milton Santos.

Foram essas referências que me levaram a admirar a trajetória, a coragem, a ousadia do filósofo, cientista e intelectual Milton Santos.

Então, falar de Milton Santos é um pouco chover no molhado. Todos que me antecederam falaram com muito mais propriedade, com muito mais profundidade do que poderia eu falar.

Mas há dois momentos que gostaria de comentar. O primeiro, o seu retorno ao Brasil. Ouvi uma vez, em um debate na TV *Cultura*, a crítica feroz, cortante que Milton Santos fazia à chamada universidade de resultados, a universidade talhada ou que pelo menos a ditadura tentou preparar para servir ao mercado.

Isso me tocou muito porque me lembro muito que nós, ao entrarmos na universidade, vínhamos de uma luta do movimento estudantil contra a chamada reforma universitária, o famoso acordo MEC – USAID, feito no período da ditadura no Brasil, em que se criaram os cursos compartimentados na Universidade.

Agora, 30, 40 anos depois, retoma-se, pelo menos na Universidade Federal da Bahia, o espírito de um ensino mais abrangente, que permite ao estudante fazer mais adiante uma opção, digamos assim, mais focada. Os bacharelados interdisciplinares vão nesse sentido.

Fiquei muito feliz, outro dia, ao fazer uma palestra para o Reitor Naomar de Almeida, um amigo meu daquela época, em ver a retomada desse espírito de universidade na sala em que estive presente. E ele fazia uma crítica duríssima a esse formato de universidade, que

terminou prevalecendo em grande parte nas universidades públicas, mas que se instalou com muito maior força e propriedade nas universidades privadas, no ensino privado, o que tem trazido um prejuízo gigantesco para a sociedade. Mas algumas universidades públicas, se não o adotaram integralmente, incorporaram o que nele havia de mais negativo, que é o processo de exclusão, de desconhecimento proposital do papel, da importância e da função da sociedade.

Acho que um pouco do que disseram o prof. Aldo e o prof. Fernando da Conceição refere-se a isso, ou seja, a rejeição que Milton Santos teve na Universidade Federal da Bahia num determinado momento e a rejeição que teve na USP em um outro momento não são diferentes, em grande medida, à rejeição constatada na USP e na Universidade Federal da Bahia, no seu corpo de professores, com relação à presença de negros na universidade. Não é diferente.

O que explicaria a rejeição a Milton Santos se ele tinha, do ponto de vista intelectual, todos os predicados para estar em qualquer uma das universidades, se já tinha estado na Universidade de Sorbonne, uma das mais conceituadas e mais qualificadas do mundo?

No caso da Universidade da Bahia, poderíamos até dizer que foi porque estávamos num período em que ainda havia resquícios da ditadura. Mas e no caso da USP, que foi num período posterior?

Há um trecho em que ele fala sobre isso que eu gostaria de ler para que possamos lembrar. Ele disse o seguinte sobre a questão das universidades numa aula inaugural para os alunos da Faculdade da Universidade de São Paulo:

Em nome do cientismo, comportamentos pragmáticos e raciocínios técnicos, que atropelam os esforços de entendimento abrangente da realidade, são impostos e premiados. Numa universidade de resultados, é assim escarmentada a vontade de ser um intelectual genuíno, empurrando-se mesmo os melhores espíritos para a pesquisa espasmódica, estatisticamente rentável. Essa tendência induzida tem efeitos caricatos, como a produção burocrática dessa ridícula espécie de 'pesquiseiros', fortes pelas verbas que manipulam, prestigiosos pelas relações que entretêm com o uso dessas verbas, e que ocupam assim a frente da cena, enquanto o saber verdadeiro praticamente não encontra canais de expressão.

Essa crítica, no meu entendimento, é muito precisa, muito atual. Ela diz um pouco do papel que essas universidades têm. Nós, que somos afro-brasileiros, percebemos que esses “pesquisadores” se interessam muito por nós enquanto objetos de estudo, mas essas pesquisas parecem não valer absolutamente nada para dar sequência, nem mesmo na universidade, para alteração desse quadro da realidade.

Então, essa é uma coisa que ele diz com a delicadeza que lhe é peculiar, mas que é muito interessante.

Há um outro ponto, também nessa linha. Também aqui me remeto ao comentário do Fernando Conceição quando afirma que era verdade que raramente ele se dispunha ou propunha a participar de eventos exclusivamente sobre a temática negra. Ele tem um pequeno trecho que acho genial para entendermos um pouco da hipocrisia que existe na sociedade brasileira e de onde ela vem.

E aí vou ler aqui um trecho, um dos poucos em que o Milton Santos trata da questão racial. É sobre o perdão que a Igreja Católica pediu quando da celebração dos 500 anos da existência do Brasil. Ele diz o seguinte:

Moral da história: 500 anos de culpa, 1 ano de desculpa. Mas as desculpas vêm apenas de um ator histórico do jogo do poder, a Igreja Católica! O próprio presidente da República considera-se quitado porque nomeou um bravo general negro para a sua Casa Militar e uma notável mulher negra para a sua Casa Cultural. Ele se esqueceu de que falta nomear todos os negros para a grande Casa Brasileira. Por enquanto, para o Ministro da Educação, basta que continuem a frequentar as piores escolas e, para o Ministro da Justiça, é suficiente manter reservas negras como se criam reservas indígenas.

É nessa ousadia, nessa coragem que eu acho que precisamos nos inspirar nos dias de hoje para enfrentar uma parcela da hipocrisia que vem sendo sustentada por uma universidade de resultados.

Muito obrigado.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Lídice da Mata) – Muito obrigada, Zulu Araújo, por sua grande contribuição a essa discussão.

Encerradas as exposições, quero dar oportunidade a alguns dos presentes, senão a todos, de se pronunciarem. O tempo começa a ser difícil

para mim, porque a sessão já se iniciou. Ouviremos alguns pronunciamentos e depois faremos as despedidas de praxe.

Passarei a palavra a alguns oradores. Peço apenas que anunciem seus nomes antes de falar, para efeito de gravação.

O SR. WALDEMIRO DE SOUZA – Sou baiano de Santa Rita, hoje Mansidão. Fui colega de Fernando Conceição na implantação do Projeto Zumbi, do qual fomos conselheiros.

E mais ainda: fiz uma peregrinação de quase cinco anos dentro do Congresso, visitando todos os deputados e senadores, ou quase a maioria, para que houvesse este resultado: o seminário. E a surpresa minha foi que 80% dos Srs. Deputados e Srs. Senadores não sabem quem é Milton Santos!

E digo mais ainda: na Comissão de Relações Exteriores, por delegação do vice-presidente do PSB, Roberto Amaral, fizemos uma reunião com o deputado Marcondes Gadelha. Um dos funcionários do nosso partido fez uma chacota entre o jogador, pelo qual tenho muito respeito, e o geógrafo Milton Santos. A ALUMNI Internacional começou a me dar apoio, inclusive dentro da própria Comissão. Os funcionários da Comissão de Relações Exteriores e de Defesa Nacional, nenhum sabia quem era Milton Santos!

Como o nosso Congresso brasileiro vai cuidar da defesa do nosso pré-sal, projeto importante para o Brasil, se há quem não conhece a definição de Atlântico e Pacífico que está na obra de Milton Santos, ou sobre espaço e território, que poucos universitários e doutores desconhecem neste país?

Tenho um *blog*, *O Negro no Brasil Atual*. Lá fiz o registro de um congresso de negros havido em Minas Gerais – Minas é mais cuidadosa em cuidar do Brasil –, quando tive uma surpresa. Quando Milton Santos ajudou a montar para os Mesquistas, em São Paulo, a Universidade Júlio Mesquita, ele pediu que eu organizasse alguma coisa na internet. Em 1988, o Júnior Mesquita foi fazer uma pesquisa para saber qual era o estado mais organizado: para a nossa surpresa, era no Rio Grande do Sul onde os negros se organizavam, e só! O resto briga entre si. Então, ele construiu *Nós Somos a Mídia*, que tem uma página grande na internet.

E tive outra surpresa quando encontrei uma carioca em Ilhéus: Maria Luiza Heine. Propus a ela que a Bahia se unisse em torno da obra de Milton Santos – como está unida aqui. Ela disse: “Temos que ouvir a proposta de Waldemiro.” E num texto de Fernando Conceição, foi pedido que a

Biblioteca Nacional reproduzisse a obra de Milton Santos para todas as bibliotecas do Brasil. Para a nossa surpresa, o nosso Zulu, guerreiro, o Presidente da Fundação Palmares, não tinha uma obra de Milton Santos na biblioteca! Eu briguei: “Fecha isso aí!”. Ele, como baiano, não ter uma obra de Milton Santos na biblioteca?! A biblioteca pediu à USP a relação dos livros. Vi agora a página do Congresso. O Congresso fez uma página, por meio da Câmara, e ele está reproduzindo a página inteira, eu o vi confessando. Está-se redimindo hoje. Parabéns, Zulu!

E vi outras coisas, fui destrutado. Até em discurso o Sarney disse: “Ele está pedindo um seminário. Eu não posso intervir.” Alguns Senadores pediram ao Sarney que eu não viesse mais ao Congresso. E ele discursou, naquela briga toda. Vou dizer em bom tom e voz alta: senhores maçons, eu estou vivo! Durante mais de 15 anos, os senhores tentaram me assassinar! Eu estou vivo!

E estou dizendo, na Comissão de Educação, que eles fazem *lobby* em todos os governos, no mundo inteiro! Pouca gente sabe disso. São responsáveis pela escravidão, junto com a Igreja Católica – e, mais ainda, pelo navio negreiro, onde está a prática mais nociva da relação da humanidade em todo o processo escravista. Temos que dizer quem são os responsáveis e não ter medo! Eu disse isso na reunião do meu partido e estou dizendo-o na Comissão de Relações Exteriores: eu estou vivo! As suas malandragens e assassinatos, inclusive com participação de mandatos no Congresso brasileiro, não conseguiram me assassinar.

A organização da vida humana, como diz o Milton Santos, é mais importante de que todas as malandragens implantadas para controle da sociedade e dos governos no mundo inteiro – e também das religiões. “O homem é semelhança de Deus, por isso tem de ser respeitado na sua inteireza”, como disse Milton Santos, numa indagação na UnB a um grupo de pastores. Perguntaram se ele era doutor em teologia. Ele riu e, em tom alegre, respondeu: “Para reconhecer a teologia, tem que conhecer geografia. Se os senhores, doutores em teologia, não conhecem a geografia, dificilmente vão entender o caminhar da vida humana e das suas necessidades por onde ela passa” – não só nos governos, mas nas instituições, de um modo geral, e na sociedade.

Disse Milton Santos que com nove anos de idade se apaixonou por duas coisas: por pessoas e movimento.

Que Deus abençoe a minha amiga, futura senadora!

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Lídice da Mata) – Alguém mais deseja pronunciar-se?

O SR. VICENTE VUOLO – Vou ser breve. Meu nome é Vicente Vuolo. Sou economista, formado pela Universidade de Brasília. Eu gostaria de dar os parabéns à prof^a. Marília e lembrar com carinho os anos em que estive naquela universidade, dizendo quanto foi importante na minha formação.

Pelo gabarito e pela profundidade da sua apresentação, parabéns, prof^a. Marília!

Eu gostaria de dar uma sugestão, se interessar ao prof. Fernando Conceição. Antes de vir para cá, falei com o meu sogro, professor aposentado de geografia pela Universidade Federal de Mato Grosso. Muito emocionado e entusiasmado, ele disse que teve a alegria de participar da grande palestra que Milton Santos fez na Universidade Federal de Mato Grosso, em Cuiabá. O meu sogro disse que se tratava do maior geógrafo do mundo! Aquele entusiasmo realmente me encantou muito. Se quiserem maiores informações dessa ida do mestre Milton Santos a Cuiabá, posso-lhes passar.

Dirijo uma pergunta ao prof. Aldo, também brilhante na exposição. Quando o nosso mestre fala que condena a obsessão de comparações e advoga a necessidade de compreensão – e também quando fala que os governantes deveriam ter um planejamento para o dia a dia e um outro para pensar ideias e projetos –, indago se isso não tem a ver com devermos planejar de acordo com a nossa vocação econômica, cada município, e não precisarmos importar modelos nem provar nada a ninguém. Nós somos o que somos!

Quero parabenizar a deputada Lídice da Mata pela oportunidade de trazer aqui esses jovens estudantes da UnB. Parabéns!

Só o fato de estudar nessa universidade e de ter uma professora como a prof^a. Marília é motivo de orgulho. Tenho certeza de que vocês vão ajudar-nos a ser um país mais brilhante, mais forte, com menos agressividade ao meio ambiente e, principalmente, com menos discriminação.

Obrigado.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Lídice da Mata) – Por favor, identifique-se.

O SR. DANILO – Boa tarde, meu nome é Danilo, mestrando da Universidade de Brasília. Aproveito a oportunidade para direcionar a minha

pergunta ao prof. Aldo, pois considero ter faltado um pouco de tempo para uma explanação sobre este tema: “Por uma outra globalização”.

Conhecemos um pouco da obra de Milton Santos. Já a estudamos e percebemos que neste tema – “Por uma outra globalização” – o prof. Milton Santos fala do desenvolvimento endógeno, aquele desenvolvimento que vem de baixo, a combater o desenvolvimento exógeno, que vem de cima. Eu gostaria que o prof. Aldo explanasse um pouco mais sobre essa outra globalização, proposta pelo prof. Milton Santos.

Obrigado.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Lídice da Mata) – Se houver mais alguém que queira falar, peço que o faça rapidamente, porque estamos pressionados pelo tempo. Não se trata de uma pressão negativa, mas o deputado Marcelo Ortiz, com outro grupo de Deputados, tem a necessidade de usar este plenário, conforme já combinado anteriormente. Peço, portanto, que “apressemos o nosso barco”, como se diz na Bahia, para permitir que os outros possam reunir-se.

Mais alguém deseja fazer uso da palavra?

Não se sintam inibidos, depois da minha pressão. Os senhores podem falar, embora devam fazê-lo rapidamente.

Não havendo mais quem queira utilizar da palavra, como se diz na Casa, vou voltar a palavra para a Mesa, para que faça as considerações a respeito dos questionamentos dos interlocutores.

Aproveito para pedir a cada um que faça sua despedida e últimas considerações, mas, antes de passar a palavra aos companheiros convidados, quero fazer um agradecimento especial à Presidência da Casa, na pessoa do presidente Michel Temer, que teve absoluto compromisso com a realização deste seminário. Há uma orientação da Mesa da Casa para que seminários e atividades afins não se realizem nas terças-feiras, neste horário, em função das sessões plenárias. Proibiram-nos de realizar reuniões de Comissão no momento de votação na sessão plenária. Ainda assim, o presidente Michel Temer viabilizou toda a infraestrutura para que pudéssemos realizar este evento hoje. Portanto, quero agradecer de forma muito especial a S.Exa. pelo compromisso assumido, viabilizado e cumprido.

Muito obrigada.

Concedo a palavra ao prof. Aldo, que foi provocado mais de uma vez.

O SR. ALDO ALOÍSIO DANTAS – Antes dos agradecimentos finais, farei rápidas ponderações.

Acho que o Zulu tocou num ponto fundamental: é uma pena que seja apenas um seminário. Careceríamos de um seminário só para discutir o que o prof. Milton Santos falava sobre a universidade. Esse é um ponto fundamental! Fiquei muito em dúvida se eu atenderia ao pedido que me foi feito para discutir o que discuti, ou se eu desobedeceria e faria uma discussão diferente. Mas temos escolhas, como dizia Milton Santos, temos possibilidades: quando você escolhe uma, obviamente tem de abrir mão de uma outra.

Sobre a universidade, para que todos tenham uma ideia, digo que realizamos uma pesquisa juntamente com a Geografia da UFRN e descobrimos que, em termos de conhecimentos gerais, o aluno de Geografia sai sabendo menos do que quando ingressa na universidade. Isso é verdade! Ele sai mais especialista. Por exemplo, opta por discutir as questões ambientais – outra questão que tem muitas meias verdades e muitas mentiras. A Geografia precisa estar atenta a isso!

O prof. Milton Santos criou um conceito que chamou de sociodiversidade, contrário à biodiversidade. O que tem de estar em pauta é a sociodiversidade; a partir daí, devem-se discutir as questões da natureza. A natureza não se revolta? O povo não fica dizendo que a natureza está revoltada? Esses são atributos humanos. Os problemas são problemas humanos; as catástrofes são catástrofes humanas. Então, temos que discutir a hierarquia dos problemas. O prof. Milton era categórico: “Se são recursos, não são naturais.” Ora, para que isso? Para nos chamar a atenção: quando se vai apropriar da natureza, que ela seja discutida como recurso, e então se faz a apropriação dela. Trata-se de outro tema. E não estamos mais fazendo isso na universidade. Não se ensina mais como funciona o mundo! Era preferível ficarmos falando para os meninos qual é o tamanho dos rios, porque pelo menos eles saberiam todos os rios, não é mesmo? Agora não sabemos mais rio nenhum; especializamo-nos em alguma coisa e só fazemos isso. A capacidade de fazer grandes análises, que tínhamos em outro momento, foi por água abaixo.

Portanto, este debate renderia muita discussão sobre a universidade.

Ele falava ainda da solidão que o intelectual tem que ter para pensar. Nós não temos mais isso! Mandamos um menino ler um texto e ele não quer ler, ele não quer ficar só lendo, quer que o professor mastigue para ele! Não há como pensar sem ir para casa ruminar sozinho. O pensamento intelectual é um pensamento solitário. Isso nós perdemos na universidade.

O colega Rafael explanou muito bem. Milton faz parte de uma linhagem que não consigo mais ver! Os grandes intelectuais brasileiros infelizmente estão morrendo, e não vejo surgirem novos grandes intelectuais no Brasil. A universidade tem de ser repensada, tem de ser rediscutida.

O colega Vicente fez-me uma pergunta direta. Digo que é por aí, contudo Milton Santos diria o seguinte – e devolvo o questionamento para você: os economistas fazem isso e estão corretos, só que eles se esquecem um pouco da Geografia. E nós da Geografia sempre temos a preocupação de levar em consideração também as questões econômicas.

E Milton Santos dizia ainda que, mais do que vocações econômicas, são vocações territoriais. Ele tem um conceito fantástico de “espaço banal”, conceito que vem de Piero, um economista. E os economistas abandonaram o conceito. Aí o espaço vira espaço setorizado. Isso daria uma outra discussão.

Mas digo que você está corretíssimo, acho que o caminho é esse. Obrigado por ter feito a pergunta.

Sobre a globalização, eu vou dar algumas dicas. O prof. Milton tinha umas “sacações” impressionantes. Quanto à flexibilização, dizem que o mundo está flexível, etc., mas Milton Santos disse que o mundo nunca foi tão pouco flexível, tão rigidamente comandado na sua atividade econômica. A desregulamentação é produtora de normas. A desregulamentação neste País criou um conjunto de normas. Pegue o seu telefone celular e verifique o conjunto de normas existentes. Segue-se a política!

E ele fala de outro tema que ainda não discutimos: o tema da política. Essa flexibilidade matou a política. Ficamos fazendo a política dessas empresas, dessas normas. Esquecemos, em boa medida, de fazer as políticas globais. Qual projeto de Brasil nós temos hoje? Da TIM? Da Oi? É isso que nós temos hoje. Nós temos uma normatização excessiva, e não a flexibilização. É essa a questão endógena e exógena que poderíamos começar a discutir.

Para não tomar mais tempo, agradeço, pois temos de ir embora.

Deputada, muito obrigado. Foi um prazer, depois de tanto tempo, reencontrá-la, mesmo que não nos tenhamos conhecido antes. Como eu já disse, eu fui de Viração e tive orgulho de ser do PCdoB, não sou mais. Hoje estou mais na academia, estudando. Estou seguindo o conselho que o prof. Milton Santos sempre me deu: estudar e pensar um pouco, o que é fundamental.

Agradeço aos meus companheiros da Mesa.

Agradeço ao presidente Michel Temer o grande empenho para a realização deste seminário, conforme V.Exa. informou há pouco.

Agradeço a esta Casa ter trazido o prof. Milton Santos para fazermos este sarau de discussão. Muito obrigado. Estou muito satisfeito por ter vindo aqui nesta tarde.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Lídice da Mata) – Agradeço ao prof. Aldo. Juro a todos que eu não sabia que o prof. Aldo e o prof. Rafael me conheciam.

O SR. ALDO ALOÍSIO DANTAS – Você era minha musa inspiradora da Viração, a grande líder! Era ou não era? Na Bahia, na Viração, só dava Lídice!

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Lídice da Mata) – A verdade é que eu, na estrutura política, acompanhava o Instituto de Geociências, de Geologia e de Geografia.

Agradeço enormemente a sua colaboração e a sua contribuição, que foram imensas. Na busca de encontrar Milton Santos, acabamos encontrando pedaços de nós mesmos nessa história.

Passo a palavra à prof^a. Marília Luiza Peluso, para suas considerações finais.

A SRA. MARÍLIA LUIZA PELUSO – Eu gostaria de agradecer mais uma vez à deputada Lídice da Mata e aos baianos que estão nesta Mesa, com os quais me identifiquei perfeitamente bem, como já me tinha identificado com a obra de Milton Santos.

Foi um prazer falar sobre Milton Santos. Fiz um trabalho – vejo assim – muito mais acadêmico, mas acho que é essa a minha vocação, não tenho outra maneira de apresentar as coisas.

Devo dizer que estou muito satisfeita. Acho que tivemos um grande momento para apresentar não só a obra do Milton Santos mas também a Geografia, essa Geografia renovada que queremos apresentar, a qual queremos que os alunos aprendam.

A todos eu agradeço. Numa próxima oportunidade, nós nos encontraremos de novo. Muito obrigada.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Lídice da Mata) – Muito obrigada.

Registro a ilustre e honrosa presença do prof. Carlos Moura, decano e primeiro presidente da Fundação Palmares.

Passo a palavra ao prof. Fernando Conceição, para suas considerações finais. Aproveito para agradecer a V.Sa. a contribuição ao nosso debate sobre a vida e a história de Milton Santos.

O SR. FERNANDO COSTA DA CONCEIÇÃO – A tarefa que assumi com o prof. Milton Santos foi tentar contar a história da vida dele. De fato, foi uma tarefa que ele me atribuiu, depois de o professor ter sido sondado por vários outros pesquisadores que queriam fazê-lo.

Como disse o professor que me antecedeu, é uma responsabilidade muito grande não só discutir as ideias e a grande contribuição que esse grande brasileiro deu à compreensão do mundo. Isso é reconhecido no mundo todo por intelectuais com os quais tenho conversado, provindos de várias partes do mundo. Contudo, quando se discute o ser humano Milton Santos, há certa tendência a mistificá-lo. Eu, na condição de jornalista, que deve escutar os vários lados e tentar informar o público sobre esses vários lados, assumi com ele o compromisso de não escrever uma biografia para torná-lo santo. Eu vou tentar contar a história de vida de Milton Santos, um homem complexo e cheio de contradições, como todos os homens são.

Nessa tarefa, o biógrafo encontra uma série de dificuldades, porque há setores que, de fato, tratam esse homem como um deus, não só aqui no Brasil mas também lá fora. Há dificuldades de todas as ordens possíveis, inclusive de negação de informações de fontes. Há algumas questões muito delicadas a serem abordadas na pesquisa e na escrita de uma biografia.

A biografia, como eu disse, é a de um homem negro. Entretanto, conforme já se disse, foi criado por sua família para esquecer que era negro. Ele foi criado pelos pais para ser elite, para estar no centro do poder pensante. E, num contexto baiano de extrema discriminação racial, discutir a questão racial naquele momento poderia ser impeditivo à tarefa exigida pelos pais desde o início.

A irmã dele, que ainda é viva, pirou. Quando ainda era uma jovem estudante de Medicina, estava numa mesa de dissecação de cadáveres e nunca mais voltou a si.

O irmão dele também foi grande intelectual, militante do “partidão”. Milton Santos nunca militou em partido político, embora usasse o método marxista de análise. Mas até hoje não encontrei o fundamento ideológico e político da prisão dele pelos militares.

A tarefa do biógrafo, nesse caso, torna-se bastante delicada.

Não acho que todas as pessoas – Waldemiro, sei do seu empenho, da sua paixão por suas causas, e agora sua paixão em difundir Milton Santos – no Brasil tenham obrigação de conhecê-lo. Aliás, o que as elites de mando fizeram neste País, não só em relação a Milton Santos mas também a Celso Furtado, a Josué de Castro – que publicou a *Geografia da Fome* – e a vários outros intelectuais foi tentar apagar da memória dos brasileiros, da contemporaneidade, a existência dessas pessoas. Portanto, não me causa espécie que os próprios baianos não conheçam Milton Santos. Pode ficar parecendo que Milton Santos na Bahia é alguém louvável, aceitado, mas não é assim.

Daí também mais uma tarefa do biógrafo que assumiu, com Milton Santos, esta responsabilidade de tentar exatamente dar publicidade à existência desse homem, do que foi esse homem, com todas as suas complexidades, com todos os seus problemas. E tentar mostrar também a importância desse homem para o mundo, a importância desse brasileiro para o mundo, a importância desse homem negro para o mundo, para o mundo intelectual.

Essa é a minha função, a tarefa que assumi com ele, não sem merecer senões, os quais encontro até hoje. Para se fazer um trabalho desses, requer-se investimento, não só investimento intelectual ou de deslocamento mas investimento financeiro, material.

Apesar de hoje Milton Santos receber homenagens em memoriais, dando nome a estradas, a escolas, etc., onde vou obter fontes de financiamento para falar sobre ele? Existe o Ministério da Cultura, inclusive coordenado por um baiano. Existe uma Fundação Palmares, presidida por um baiano. Será que não se percebe? Pelo menos, no discurso, percebe-se a importância dele, mas não se pode fomentar a preservação da memória desse homem?

O investimento é feito a partir de iniciativas como esta, tomada pela deputada Lídice da Mata, futura senadora da Bahia.

Somente peço a vocês pensamento e energia positivos, para que eu dê conta dessa tarefa e não morra antes de junho de 2011, data em que completa dez anos a morte de Milton Santos e quando pretendo que esse livro esteja à venda ou disponibilizado para o público baiano. Aliás, baiano e brasileiro! É essa nossa mania de achar que a Bahia é o Brasil!

Muito obrigado.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Lídice da Mata) – Passo a palavra também aos nossos debatedores prof. Rafael e Sr. Zulu, para encerrarmos os trabalhos.

O SR. RAFAEL SÂNZIO ARAÚJO DOS ANJOS – Para mim é difícil fechar qualquer coisa do mestre: acho que estamos abrindo cada vez mais. Eu nunca o senti tão vivo, tão presente.

Passsei um ano e meio fora do Brasil. Voltei ano passado. Nesse meio tempo, fui à Bélgica para trabalhar, no Museu Real da África Central, com documentos dos séculos XIV e XV, os primeiros mapas, os primeiros escritos europeus do grande Congo. Hoje há Angola e vários outros países. O meu intuito foi estudar a origem dos quilombos do Brasil. Eles estão lá, está tudo vivo!

Lá pelas tantas, eu tive que reler o Milton, o velho mestre, para me amparar nessa dimensão historiográfica secular em que o Brasil se liga ao continente africano, mas ainda não recebe a devida importância na sociedade brasileira. Há este paradoxo: Milton Santos é conhecido pela sociedade brasileira e as matrizes africana e indígena também são importantes para nós, mas como isso é pequeno no conhecimento da nossa cidadania! O cidadão e a cidadã que circulam e vivem no País sabem muito pouco dessas matrizes básicas, efetivamente o chão do Brasil.

Há alguns anos, a Universidade de Brasília concedeu ao mestre Milton Santos o título de Doutor Honoris Causa, portanto a UnB tem um vínculo, um compromisso de manter essa chama acesa. O Departamento de Geografia, este ano – minha chefia está aqui, então isto não é conversa –, está montando o Centro de Documentação Geográfica Milton Santos. Vamos inaugurá-lo este ano.

Estão convidados não só a minha querida deputada mas também os meus queridos Zulu, prof. Fernando e prof. Aldo. Convido-os para um colóquio, mas um colóquio com referências. A prof^a. Inês Barbosa, uma carioca que ajudou a montar o IBGE no Rio, deixou o IBGE e veio montar o Departamento de Geografia aqui. E o prof. Milton Santos passou por aqui nos anos 60, teve forte contato com essa Brasília inicial. O prof. Aldo Paviane também é outro geógrafo importante, ainda vinculado ao nosso programa. Serão cinco os condutores desse colóquio. Vou estender a eles o que se realizou hoje, pois deve haver uma sequência. O que se fez hoje foi um ganho, um patamar. O outro colóquio será outro patamar.

O Centro de Documentação tem como finalidade sistematizar o conhecimento. Os estudantes aqui presente serão os profissionais, em

breve. Na posição que ocupamos, temos que aparelhar e dar suporte. Onde estão os livros? Onde estão os artigos? Onde estão as coleções particulares, que só os pesquisadores que não têm mais espaço na universidade detêm? O sistema de documentação vai ser montado sobretudo com acervos particulares preciosos que estão sendo doados pelas universidades. Em vez de ir para a biblioteca, vamos montar um centro de documentação específico.

Na oportunidade, esta Casa vai receber o convite não só para estar presente mas também para participar. Era algo que eu gostaria de dizer, em primeiro lugar.

Em segundo lugar, informo que, na semana que vem, no dia 12 de maio, vamos fazer uma exposição nesta cidade. Ela já foi ao continente africano no ano passado. Em Angola e Luanda, abrimos a exposição “O Brasil Africano”, na qual está o prof. Milton Santos. Usamos o seu pensamento, pedimos emprestadas algumas citações que falou e escreveu, porque nos ajudam a explicar este Brasil complexo e multifacetado que vamos tentar, num viés geográfico e cartográfico, difundir mais em nossa sociedade.

Para o evento “África e Brasil Africano”, no dia 12 de maio, convido esta Casa e todos os presentes. Será realizado no Museu da República. Vamos realizá-lo num museu, um lugar nobre, porque o Brasil africano é nobre, o Brasil indígena é nobre, o Brasil europeu é nobre. Os Brasis são nobres! Por isso, eles precisam de espaço neste Brasil maior. Vocês são convidados deste Brasil!

E, espiritualmente, estou convidando o prof. Milton Santos para que lá apareça e conheça o trabalho que estamos fazendo.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Lídice da Mata) – Muito bem!

Coube-lhe encerrar, Sr. Zulu.

O SR. ZULU ARAÚJO – Em primeiro lugar, eu gostaria de agradecer mais uma vez o convite e a aula que tive com diversos professores – não é todo dia que temos professores tão qualificados para nos dar aulas tão bem elaboradas.

Também gostaria de fazer um comentário, assumir um compromisso e propor um desafio para a deputada. Espero que assumamos o compromisso conjuntamente.

O comentário é que a Fundação Cultural Palmares passou por um processo de reestruturação no ano passado, depois de 20 anos de existência. Para que vocês tenham uma ideia, apesar de termos sido cria-

dos – o meu querido amigo decano Carlos Moura está aqui para não me deixar mentir, pois foi o primeiro presidente da Fundação Cultural Palmares –, as dificuldades de implantação e de estruturação da Fundação foram muito maiores do que possa imaginar qualquer pessoa. Somente no ano passado conseguimos estruturar, do ponto de vista administrativo, a Fundação Palmares. Apesar de ter 20 anos de existência, a Fundação Palmares tinha apenas 13 cargos. Todo o restante eram funcionários terceirizados.

Aparentemente, isso só causaria problema administrativo, mas causou também – e de forma contundente – problema de conteúdo. Para gerar conteúdo, é preciso haver técnicos qualificados, quadros qualificados, pesquisa, estrutura. Para tanto, no ano passado, com a aprovação do Congresso Nacional – a Câmara dos Deputados e o Senado Federal aprovaram, e o presidente da República sancionou –, pudemos reestruturar a Fundação Cultural Palmares e criar, dentro da fundação, o Centro Nacional de Informação e Referência da Cultura Negra. Para que se criou o centro? Exatamente para promover as pesquisas, os mapeamentos, os estudos, e trazer gente qualificada para administrar isso.

Neste ano, em maio, quando faremos um ano dessa reestruturação, creio que o desafio feito de forma muito peculiar pelo meu querido amigo Fernando Conceição pode e deve ser encarado. É mais do que uma obrigação: é um dever da Fundação Cultural Palmares contribuir não só para a pesquisa da biografia do Milton Santos como também para a conclusão dessa biografia.

Há duas formas de fazermos isso, Sr. Fernando, e quero poder compartilhar com a deputada uma delas. A deputada tem o instrumento, a emenda parlamentar. Em outros momentos, já fiz esse pedido para outras questões também da nossa cultura afro. De outro lado, há o orçamentário. Eu me disponho.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Lídice da Mata) – Já comprometo a mim e ao deputado Zezéu Ribeiro, que está presente. Ele também vai alocar uma parte da emenda dele para essa pesquisa.

O SR. ZULU ARAÚJO – Pronto, então teremos três pedaços: um da Fundação Palmares, do orçamentário; um da emenda da deputada; outro do deputado Zezéu Ribeiro.

Aliás, fizemos com o deputado Zezéu Ribeiro uma bela parceria no primeiro mapeamento dos terreiros de candomblé da cidade de Salvador, que hoje serve de exemplo para todo o Brasil. Está em GPS, diga-se de

passagem. Hoje cinco estados brasileiros estão implementando o mapeamento, baseado naquele mapeamento que fizemos graças à emenda que o deputado Zezéu Ribeiro disponibilizou para a Fundação Palmares.

Para finalizar, mais uma vez agradeço.

Espero também estar vivo em 2011, não como presidente da Palmares, mas como cidadão brasileiro, para que possamos celebrar juntos a conclusão da pesquisa de Milton Santos. Evidentemente, o centro pode ter em primeira mão a conclusão da pesquisa.

O SR. DEPUTADO ZEZÉU RIBEIRO – Muito obrigado.

Comunicarei à viúva do prof. Milton Santos, Marie-Hélène Santos, que agora esse projeto – cuja conclusão todos tínhamos não conseguir – receberá o estímulo do deputado Zezéu Ribeiro, da deputada Lídice da Mata e da Fundação Palmares.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Lídice da Mata) – Muito bem, este é mais um resultado deste seminário.

Na UnB, dentro do possível, vamos buscar esse apoio, especificamente no Centro de Documentação. Vamos reunir mais apoios para este projeto e outros que reverenciem a memória de Milton Santos e a complexidade do seu pensamento. Trata-se de um cidadão não da Bahia mas do mundo, cidadão que nasceu eventualmente na Bahia. Educador por excelência: em todas as suas ações, como pensador, foi essencialmente um educador. Para todos nós, Milton é principalmente exemplo de resistência intelectual do pensamento de que é possível fazer um mundo mais fraterno e, portanto, mais solidário para todos.

Muito obrigada.

Declaro encerrado este seminário.



Conheça outros títulos da Edições Câmara no portal da Câmara dos Deputados: www2.camara.leg.br/documentos-e-pesquisa/publicacoes/edicoes